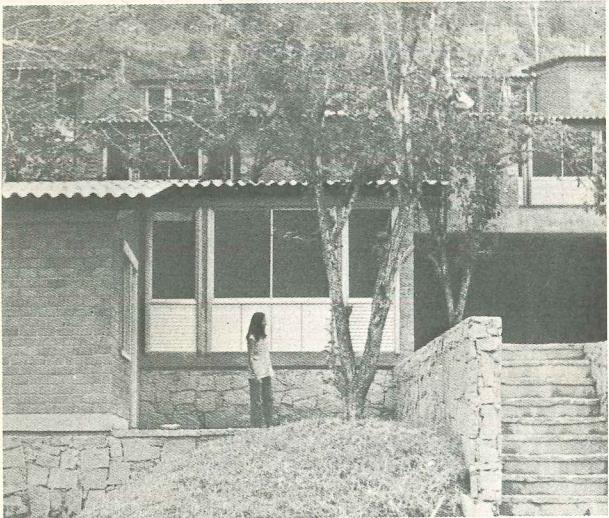


se você quer morar bem, na praia ou na montanha, dois conselhos:

- casa é melhor que apartamento
- comprar é mais barato que alugar

mas é preciso escolher bem, e nisso podemos ajudá-lo:



- prefira um condomínio você assim já elimina uma porção de despesas e preocupações.
- nem muito grande, nem pequeno demais você terá mais chance de formar uma simpática comunidade de pessoas amigas.
- que disponha de tudo para a garotada ficar mais em casa piscina, salão de recreação, jardim pra correr. . . com todas as despesas repartidas pelos condôminos.

e para provar que tudo isto é possível, 3 sugestões:

casa da lagoa - saquarema - rj

• condomínio com 14 casas prontas na região dos lagos

casa da serra - teresópolis - rj

• condomínio com 25 casas prontas, na montanha

casa da posse - teresópolis - rj

• condomínio com 24 casas, em construção



SARTE

ENGENHARIA

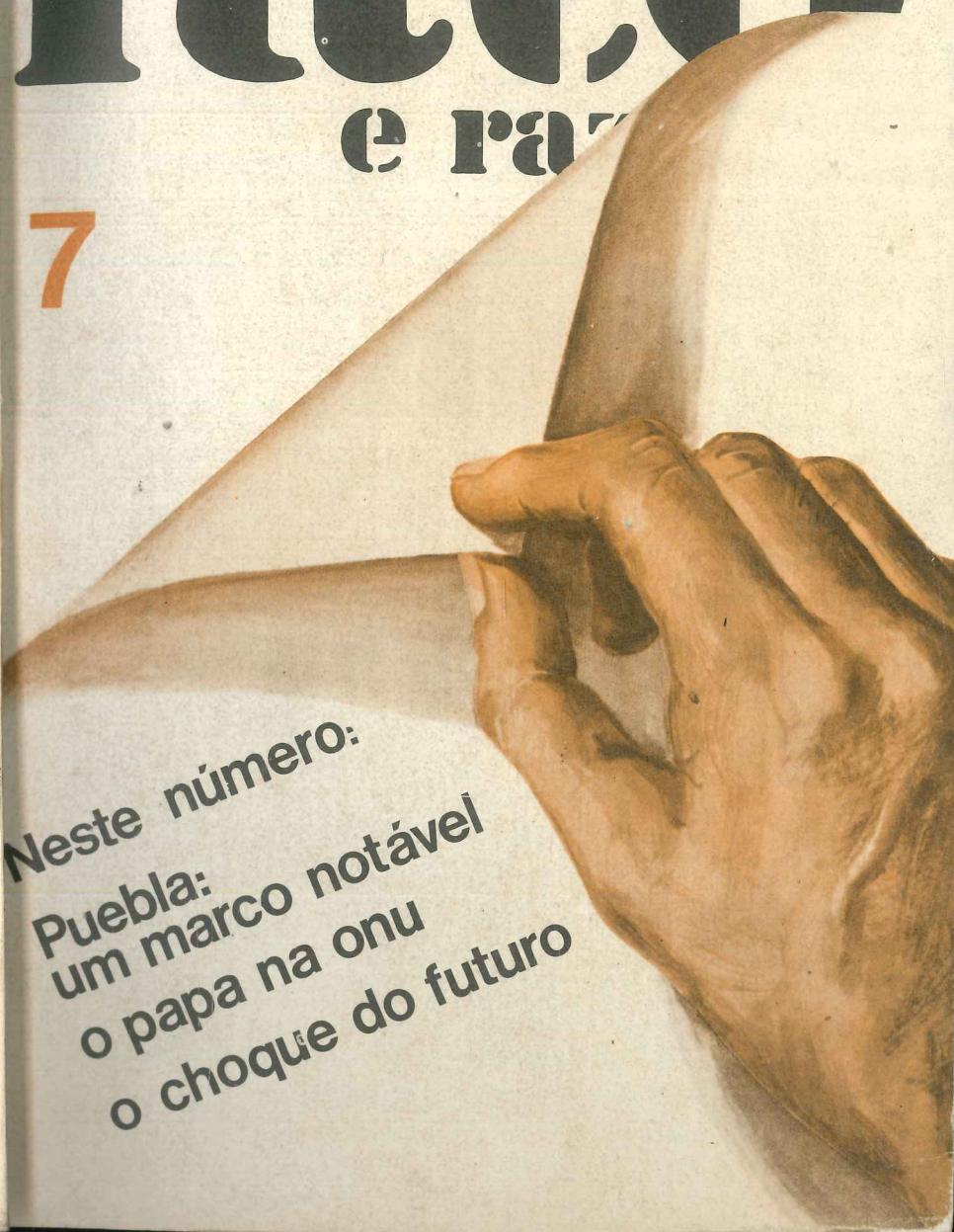
rua dr. julio ottoni, 571 — cep 20.241 — rio de janeiro — rj. — tels.: 205-9247 — 205-9294 — 205-9194 e 205-9645.

facto

e razão

7

Neste número:
Puebla:
um marco notável
o papa na onu
o choque do futuro



recado ao leitor

FATO E RAZÃO chega ao número sete, com disposição de ir bem mais longe.

No mundo antigo, esse cabalístico número sete indicava uma quantidade muito grande, quase impossível de ser medida com exatidão.

É esta, exatamente, a impressão da equipe de editoria da sua revista.

Quando se recordam as aflições, correrias e madrugadas que geraram cada número de FATO, seus sete números publicados parecem uma sofrida sequência de "sete vezes setenta" partos laboriosos.

Com algumas indicações de terem sido bem sucedidos, se considerarmos a apreciação favorável de seus amáveis e tolerantes leitores.

Esta imagem de gestação e parto é, de fato, a mais realista que ocorre à equipe.

Pois, naquele quadro, nem mesmo falta o clássico nervosismo da espera, na ante-sala da gráfica, do primeiro exemplar produzido, logo entregue, ainda úmido e perfumado de tinta, nas mãos ansiosas de seus editores.

Que esperam a sua colaboração, através de sugestões e divulgação, caro leitor.

S. & H.A.

fato e razão

Edição Movimento Familiar Cristão

Equipe de Redação deste número

José e Beatriz Reis
Selma e Helio Amorim

Supervisão Técnica

IBRAF — Instituto Brasileiro da Família

Arte e Diagramação

Maria Cristina de Amorim Gonçalves

Composição

Sônia Moreira Bernardo

Coordenação de Editoria e Distribuição

SENFOR — Secretariado Nacional de
Formação — MFC
R. Des. Saul de Gusmão, 80 - Barra da
Tijuca - CEP 22600 - Rio de Janeiro, RJ.

Realização

CONDIN — Conselho Diretor Nacional
Manoel e Elmira Santos
Ivan e Sonia Bastos
José e Lya Sollero
José e Cenira Frizon

Produção Gráfica

Armando Amorim Publicidade
Av. Pres. Vargas, 590 - s/2106 - Rio



SUMÁRIO

o papa na onu	2
puebla — um fato notável	5
miséria de muitos	6
segurança . . . de quem?	8
capit. e comunismo: dois fracassos .	10
religião do povo	12
família — vítima predileta	15
quem tem medo da polícia?	18
sou cristão	22
índios, posseiros, lavradores	26
anunciar um mundo novo	30
um homem . . . uma mulher	33
direitos humanos e desenv.	39
cuidado c/as inocentes historinhas .	42
rango	45
o choque do futuro	46
joão e maria	52
que igreja?	56
roteiro de reuniões.	61
introdução (ao novo temário)	62
temário de reuniões	64
escreve o leitor	72



o papa na ONU

Em discurso à Assembléia Geral das Nações Unidas que surpreendeu por sua linguagem direta, o Sumo Pontífice referiu-se repetidamente à importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos e exortou todas as nações do mundo a obedecê-la, levando em conta a dignidade do homem acima dos sistemas políticos.

DIGNIDADE DO HOMEM

De uma maneira geral, seu tema foi a dignidade do homem e a importância de respeitá-la acima de qualquer sistema político ou econômico. "Toda atividade política, nacional e internacional (...) procede do homem, se exer-

ce pelo homem e para o homem", notou João Paulo II, acrescentando que "caso esta atividade se separe desta relação e finalidade fundamental, se converte, de certo modo, num fim em si mesma e perde grande parte de sua razão de ser".

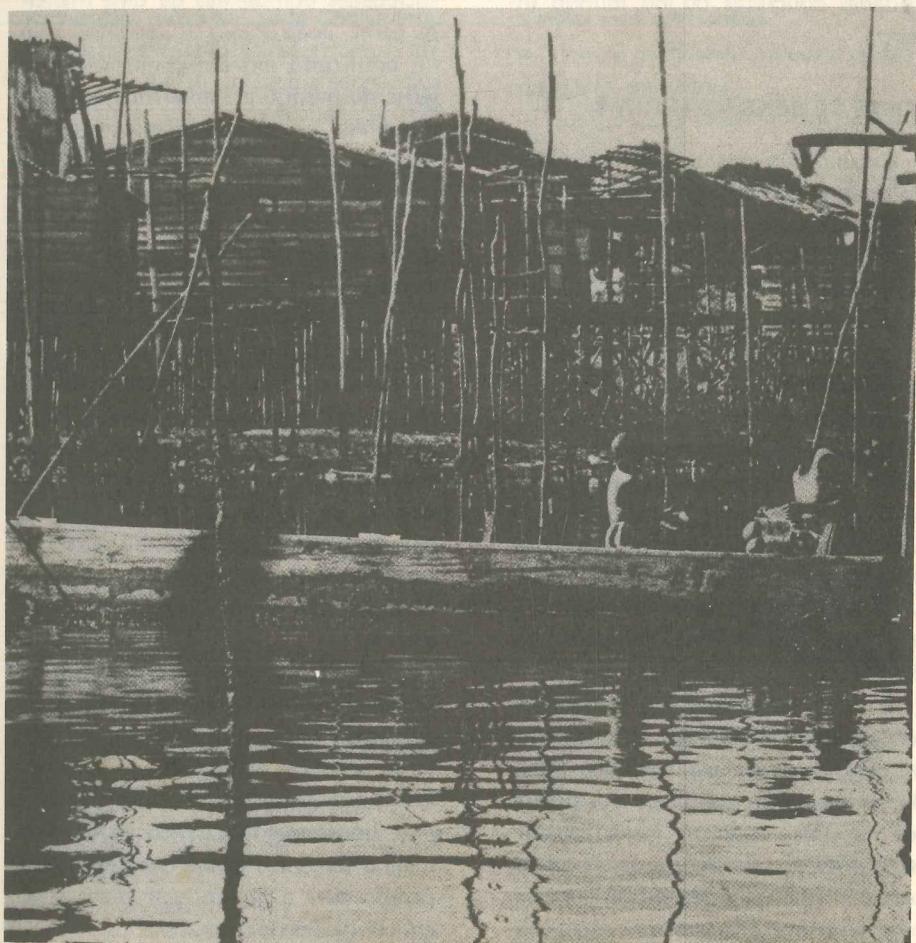
O Papa rechaçou a prática de antepor à Declaração dos Direitos Humanos "o interesse que se define injustamente como político, mas que freqüentemente significa apenas lucro e aproveitamento unilateral com prejuízo dos demais", dizendo aos delegados da ONU que "o interesse político, assim entendido (...), comporta

desonra à nobre e difícil missão que é própria de vosso serviço ao bem de vossas nações e de toda a humanidade".

Insistiu o Pontífice que "todo ser humano possui uma dignidade que, não obstante o fato de a pessoa existir sempre dentro de um contexto social e histórico concreto, não poderá jamais ser diminuída, vilipendiada ou destruída, e sim respeitada e protegida, caso se queira realmente construir a paz".

Sua longa listagem do que considerava os direitos humanos mais importantes incluiu: "Direito à vida, à libe-

rade e à segurança da pessoa: direito aos alimentos, à vestimenta, à habitação, à saúde, ao descanso e ao lazer; direito à liberdade de expressão, à educação e à cultura; direito à liberdade de pensamento, de consciência, e de religião e o direito a manifestar a própria religião, individualmente, ou em comum, tanto em seu ambiente íntimo como em público; direito a escolher o estado de vida, a fundar uma família e a gozar de todas as condições necessárias para a vida familiar, direito à propriedade e ao trabalho, a condições equitativas de trabalho e a um salário justo; direito de reunião e de as-



sociação; direito à liberdade de movimento e à migração interna e externa; direito à nacionalidade e à residência; direito à participação política e direito de participar de livre eleição do sistema político do povo a que se pertencece".

Após afirmar que "toda ameaça aos direitos humanos, seja no âmbito dos bens materiais ou espirituais, é igualmente perigosa para a paz", o Papa destacou que "o primeiro tipo de ameaça sistemática contra os direitos do homem está ligado num sentido global, à distribuição dos bens materiais, tantas vezes injusta seja nas sociedades concretas ou no mundo inteiro".

POSSE DE BENS MATERIAIS

Expandindo-se sobre um tema que tinha abordado apenas tangencialmente em sua visita ao México no início do ano, o Papa disse que embora muitas formas de desigualdade da posse de bens materiais se expliquem em termos de história e cultura, em várias situações são provocadas "pela injustiça e o dano social".

Segundo o Papa, as tensões econômicas entre Estados e no interior de cada país carregam em si elementos substanciais que limitam ou violam os direitos do homem, citando como exemplo "a exploração no trabalho e múltiplos abusos contra a dignidade do homem".

E num estilo que por certo deve ter chamado a atenção das centenas de diplomatas no plenário, acostumados à linguagem cautelosa dos discursos na ONU, o Sumo Pontífice afirmou que "o critério fundamental segundo o qual se pode estabelecer um confronto entre os sistemas sócio-eco-

nômico-políticos não é e não pode ser o critério de natureza hegemônica imperialista, mas pode e deve ser o de natureza humanística".

Quanto ao que classificou de "segunda classe de ameaça sistemática" aos direitos humanos (chamou atenção a ordem em que ele mesmo separou as ameaças, listando as materiais em primeiro lugar), o Papa referiu-se às "diversas formas de injustiça no campo do espírito".

No que foi interpretado por alguns analistas do Vaticano que aqui vieram como referência implícita aos países do Leste europeu em particular e às sociedades comunistas de uma maneira geral, João Paulo II ressaltou que "o confronto entre a concepção religiosa do mundo e a agnóstica ou mesmo atéia — um dos sinais de nosso tempo — poderia conservar leais e respeitosas dimensões humanas, sem violar os direitos essenciais da consciência de nenhum homem ou mulher que vivam na terra".

Em pedido velado a líderes de Governo e organismos internacionais para que consultem a Igreja sobre assuntos que afetem seus interesses, o Papa sugeriu que "quando seja discutido ou estabelecido, em vista de leis nacionais ou de convenções internacionais, o justo sentido da liberdade religiosa, sejam consultadas também as instituições que por sua natureza servem à vida religiosa".

O Papa passou, então, a criticar a corrida armamentista. Rechaçou os argumentos de muitos estrategistas militares, segundo os quais o poderio bélico é a maior garantia para a paz porque supostamente desencorajaria o inimigo a atacar e afirmou que "estar preparado para a guerra quer dizer estar em condições de provocá-la".

Puebla: um marco notável

Não é preciso acrescentar-se nenhum argumento para comprovar a importância da Conferência de Puebla na história da Igreja, neste Continente.

Sua repercussão transformadora sobre a vida social, política e econômica dos países latino-americanos, já não precisa ser destacada.

Sua decisiva contribuição para o amadurecimento na Fé, terá reflexos duradouros sobre os cristãos que vivem nesta sofrida parte do mundo.

A partir deste número, FATO E RAZÃO publicará uma série de artigos baseados no texto do documento final da Conferência.

Neles, serão destacadas suas grandes linhas, os principais diagnósticos da realidade, as corajosas denúncias e claras opções pastorais nele contidas.

Depois da leitura de cada um dos cinco artigos que se seguem, sugerimos uma reflexão, orientada pelo questionário que aqui lhes propomos.

- Esta visão da realidade que Puebla apresenta, corresponde à que vocês percebem? O que pode ser acrescentado? Ou modificado?
- Poderiam dar exemplos concretos de fatos e situações que ocorrem na sua cidade ou região.
- que confirmem

- que corrijam
- que desmintam
- que completem a visão aqui apresentada?

- Dentre os diversos aspectos da realidade aqui descritos:

- quais os que predominam na sua cidade ou região?
- quais os que raramente se verificam?

- quais os aspectos que não correspondem à realidade da sua cidade?

- A sua atuação na sua cidade, está levando em consideração esta realidade e os correspondentes desafios que ela oferece?

- como, concretamente, vocês atuam diante desta realidade?

- Os cristãos na sua cidade, estão conscientes desta realidade?

- Demonstram sensibilidade diante dos desafios que ela aponta?

- Estão empenhados em transformá-la?

- Vocês têm procurado denunciar os erros e desvios que são destacados nessa visão da realidade?

- têm sido impedidos?
- existe o perigo da acomodação e conformismo?

miséria de muitos X riqueza de poucos

Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida.

Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção.

Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas

econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria. A situação interna de nossos países encontra, em muitos casos, sua origem e apoio em mecanismos que, por estarem impregnados não de autêntico humanismo mas de materialismo, produzem, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres. Esta realidade exige, portanto, conversão pessoal e transformações profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social; tais mudanças ou não se deram ou têm sido demasiado lentas na experiência da América Latina.

Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor, que nos questiona e interpela:

- feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família;

- feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação;

- feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres;

- feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso Continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos à sistemas de comércio que os enganam e os exploram;

- feições de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos;

- feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos;

- feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais;

- feições de anciões cada dia mais numerosos, freqüentemente postos à

margem da sociedade do progresso, que prescinde das pessoas que não produzem.

O homem latino-americano sobrevive numa situação social que contradiz sua condição de habitante dum Continente majoritariamente cristão: são evidentes as contradições existentes entre estruturas sociais injustas e as exigências do Evangelho.

Muitas são as causas desta situação de injustiça, mas a raiz de todas elas encontra-se o pecado, tanto em seu aspecto pessoal como nas próprias estruturas.

Precisamos assinalar de maneira especial que, depois dos anos cinqüenta, e não obstante as realizações obtidas, têm fracassado as amplas esperanças do desenvolvimento e aumentado a marginalização de grande parte da sociedade e a exploração dos pobres.

Ficou assinalada a incoerência entre a cultura de nossos povos, cujos valores estão marcados de fé cristã, e a condição de pobreza em que muitas vezes permanecem retidos injustamente.

Sem dúvida, as situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis da liderança ideológica e da organização da convivência social e econômica de nossos povos. Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça. Estas, que estão em conexão com o processo de expansão do capitalismo liberal e em algumas partes se transformam em outras inspiradas pelo coletivismo marxista, nascem das ideologias de culturas dominantes e são incoerentes com a fé própria de nossa cultura popular.

segurança... de quem?

Compartilhamos com nosso povo de outras angústias que brotam da falta de respeito à sua dignidade de ser humano, imagem e semelhança do Criador, e a seus direitos inalienáveis de filhos de Deus.

Países como os nossos, onde com freqüência não se respeitam os direitos humanos fundamentais – vida, saúde, educação, moradia, trabalho. . . –, acham-se em situação de permanente violação da dignidade da pessoa humana.

Somam-se a isto as angústias produzidas pelo abuso do poder, típico dos regimes de força. Angústias causadas pela repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exagera-

das, de torturas, de exílios. Angústias em numerosas famílias pelo desaparecimento de seus entes queridos, dos quais não conseguem ter a menor notícias. Insegurança total por detenções sem ordem judicial. Angústias ante uma justiça submissa ou manietada. A Igreja, como afirmam os Sumos Pontífices, “por força de um autêntico compromisso evangélico”, deve fazer ouvir a sua voz, denunciando e condenando estas situações, sobretudo quando os governos ou responsáveis se confessam cristãos.

Angústias provocadas pela violência da guerrilha, do terrorismo e dos sequestros, efetuados por extremistas de sinais diversos, que comprometem igualmente o convívio social.

Neste contexto, impedido o acesso aos bens e serviços sociais e às decisões políticas, agravam-se os atentados à liberdade de opinião, à liberdade religiosa, à integridade física. Assassinatos, desaparecimentos, prisões arbitrárias, atos de terrorismo, sequestros, torturas disseminadas por todo o Continente, demonstram uma total falta de respeito pela dignidade da pessoa humana. Por vezes até pretende-se justificar alguns desses atentados como exigências da segurança nacional.

Nos últimos anos vem se impondo em nosso Continente a chamada “Doutrina da Segurança Nacional”, que na realidade é mais uma ideologia do que uma doutrina. Está vinculada a um determinado modelo econômico-político, de características elitistas e verticalistas, que suprime a participação ampla do povo nas decisões políticas. Pretende mesmo justificar-se em certos países da América Latina como doutrina defensora da civilização ocidental cristã. Desenvolve um sistema repressi-

vo, em conformidade com seu conceito de “guerra permanente”. Em alguns casos expressa uma clara intencionalidade de protagonismo geopolítico.

Menos conhecida, mas atuante na organização de não poucos governos da América Latina, a visão que poderíamos denominar estatista do homem tem sua base na teoria da Segurança Nacional. Submete o indivíduo ao serviço limitado da suposta guerra total contra os conflitos culturais, sociais, políticos e econômicos e, através deles, contra a ameaça do comunismo. Ante este perigo permanente, real ou possível, se limitam, como em toda situação de emergência, as liberdades individuais; e a vontade do Estado se confunde com a vontade da Nação. O desenvolvimento econômico e o potencial bélico sobrepõem-se às necessidades das massas abandonadas. Embora necessária a toda organização política, a Segurança Nacional, vista sob este ângulo, apresenta-se como um absoluto acima das pessoas. Em seu nome institucionaliza-se a insegurança dos indivíduos.

Uma convivência fraterna, entendemos perfeitamente, necessita de um sistema de segurança para impor o respeito de uma ordem social justa, que permita a todos cumprir sua missão com relação ao bem comum. Este, portanto, exige que as medidas de segurança estejam sob o controle de um poder independente, capaz de julgar sobre as violações da lei e de garantir medidas que as corrijam.

A Doutrina da Segurança Nacional, entendida como ideologia absoluta, não se harmonizaria com uma visão cristã do homem enquanto responsável pela realização de um projeto temporal nem do Estado enquanto adminis-



trador do bem comum. Impõe, com efeito, a tutela do povo por elites de poder, militares e políticas, e conduz a uma acentuada desigualdade de participação nos resultados dos desenvolvimentos.

Ninguém pode negar a concentração da propriedade empresarial, rural e urbana, em mãos de poucos, o que torna imperioso reivindicar verdadeiras reformas agrárias e urbanas; de igual forma, a concentração do poder pelas tecnocracias civis e militares, que frustram as exigências de participação e garantias dum Estado democrático.

Esta é uma das mais fortes denúncias que encontramos no documento de Puebla.

capitalismo e comunismo: dois fracassos desmascarados

Sob o signo do econômico, podem-se assinalar na América Latina três visões do homem que, embora distintas, têm raiz comum. Das três talvez a menos consciente e, apesar de tudo, a mais generalizada seja a visão consumista. A pessoa humana está como que lançada na engrenagem da máquina da produção industrial; é vista apenas como instrumento de produção e objeto de consumo. Tudo se fabrica e se vende em nome dos valores do ter, do poder e do prazer, como se fossem sinônimos da felicidade humana. Impede-se assim o acesso aos valores espirituais e promove-se, em razão do lucro, uma aparente e mui onerosa "participação" no bem comum.

A serviço da sociedade de consumo, mas projetando-se para além da mesma, o liberalismo econômico, de práxis materialista, apresenta-nos uma visão individualista do ser humano. Segundo esta visão, a dignidade da pessoa está na eficácia econômica e na liberdade individual. Encerrada em si própria e com freqüência aferrada ao con-

ceito religioso de salvação individual, cega-se para as exigências da justiça social e coloca-se a serviço do imperialismo internacional do dinheiro, a que se associam muitos governos esquecidos de suas obrigações em relação ao bem comum.

A economia de mercado livre, na sua expressão mais rígida, que ainda vigora em nosso Continente e é legitimada por ideologias liberais, tem alargado a distância entre ricos e pobres, pelo fato de antepor o capital ao trabalho, o econômico ao social.

Oposto ao liberalismo econômico de forma clássica e em luta permanente contra as suas consequências injustas, o marxismo clássico substitui a visão individualista do homem por uma visão coletivista, quase messiânica, do mesmo. A meta existencial do ser humano coloca-se no desenvolvimento das forças materiais de produção. A pessoa não é originariamente sua consciência; é antes constituída por sua existência social. Despojada do arbítrio interno que lhe pode assinalar o

caminho da realização pessoal, recebe suas normas de comportamento unicamente daqueles que são responsáveis pela mudança das estruturas sócio-político-econômicas. Desconhece, portanto, os direitos humanos, especialmente o direito à liberdade religiosa, que está na base de todas as liberdades. Desta forma, a dimensão religiosa, cuja origem estaria nos conflitos da infra-estrutura econômica, se orienta para uma fraternidade messiânica sem relação com Deus. Materialista e ateu, o humanismo marxista reduz o ser humano, em última instância, às estruturas externas.

Ambas as ideologias assinaladas — liberalismo capitalista e marxismo — se inspiram em humanismos fechados a qualquer perspectiva transcendente. Uma, devido a seu ateísmo prático; a outra, por causa da profissão sistemática de um ateísmo militante.

● O liberalismo capitalista, idolatria da riqueza em sua forma individual. Reconhecemos a força que infunde a capacidade criadora da liberdade humana e que foi o propulsor do progresso. Contudo, "considera o lucro como o motor essencial do progresso econô-

mico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos meios de produção como direito absoluto, sem limites nem obrigações sociais correspondentes" (PP 26). Os privilégios ilegítimos, derivados do direito absoluto de propriedade, causam contrastes escandalosos e uma situação de dependência e opressão, tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Embora seja evidente que em alguns países se atenuou sua expressão histórica original, devida à influência de uma necessária legislação social e de precisas intervenções do Estado, em outros lugares ainda manifesta persistência ou, mesmo, retrocesso a formas primitivas e de menor sensibilidade social.

● O coletivismo marxista conduz igualmente — por seus pressupostos materialistas — a uma idolatria da riqueza, mas em sua forma coletiva. Embora nascido de uma crítica positiva ao fetichismo do comércio e ao desconhecimento do valor humano do trabalho, não conseguiu ir à raiz dessa idolatria que consiste na recusa do Deus de amor e justiça, único Deus adorável.

Em plena conformidade com Medeiros, insistimos que "o sistema liberal capitalista e a tentação do sistema marxista parecem ter esgotado em nosso Continente as possibilidades de transformar as estruturas econômicas. Ambos os sistemas contra a dignidade da pessoa humana; pois um tem como pressuposto a primazia do capital, seu poder e sua discriminatória utilização em função do lucro; o outro, embora ideologicamente sustente um humanismo, visa antes ao homem coletivo e, na prática, se traduz numa concentração totalitária do poder do Estado.



religião do povo:

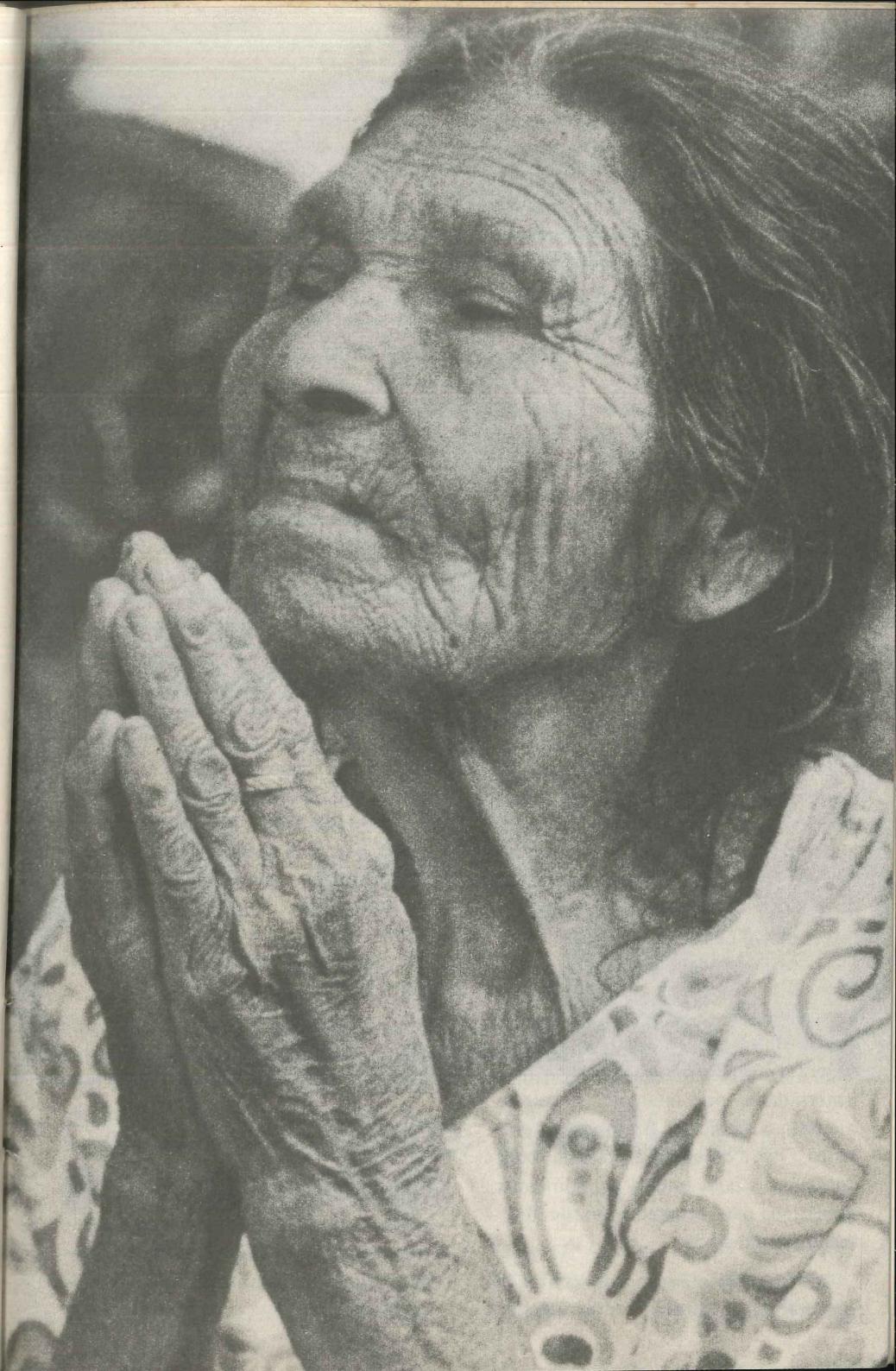
libertação ou conformismo?

Entendemos por religião do povo, religiosidade popular ou piedade popular o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado. A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular.

Esta religião do povo é vivida de preferência pelos "pobres e simples" (EN 48), mas abrange todos os setores sociais e, às vezes, é um dos poucos vínculos que reúne os homens em nossas nações politicamente tão dividi-12

das. Por outro lado, deve sustentar-se que tal unidade contém diversidades múltiplas segundo os grupos sociais, étnicos e, mesmo, as gerações.

A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e areto. Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda pessoa como Filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a en-



contrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio de uma vida muito dura. Essa sabedoria é também para o povo um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado com outros interesses! (João Paulo II, *Discurso Inaugural*, III, 6 — AAS, LXXO, p. 203).

A religiosidade popular, embora marque a cultura da América Latina, não se expressou suficientemente na organização de nossas sociedades e Estados. Por isso deixa um espaço para o que S. S. João Paulo II tornou a designar como "estruturas de pecado" (*Homilia Zapopán*, 3 — AAS, LXXI, p. 230). Destarte a distância entre ricos e pobres, a situação de ameaça que vivem os mais fracos, as injustiças, as postergações e sujeições indignas que sofrem, contradizem radicalmente os valores de dignidade pessoal e de irmandade solidária, que o povo latino-americano traz em seu coração como imperativos recebidos do Evangelho. Por isso a religiosidade do povo latino-americano se converte muitas vezes num clamor por uma verdadeira libertação. E uma exigência ainda não satisfeita. O povo por sua vez, movido por esta religiosidade, cria ou utiliza dentro de si, em sua convivência mais estreita, alguns espaços para exercer a fraternidade, por exemplo: o bairro, a aldeia, o sindicato, o esporte. Entretanto, não desespera, aguarda com confiança e com astúcia os momentos oportunos para progredir em sua libertação tão almejada.

Por falta de atenção dos agentes de pastoral e por outros fatores comple- 14

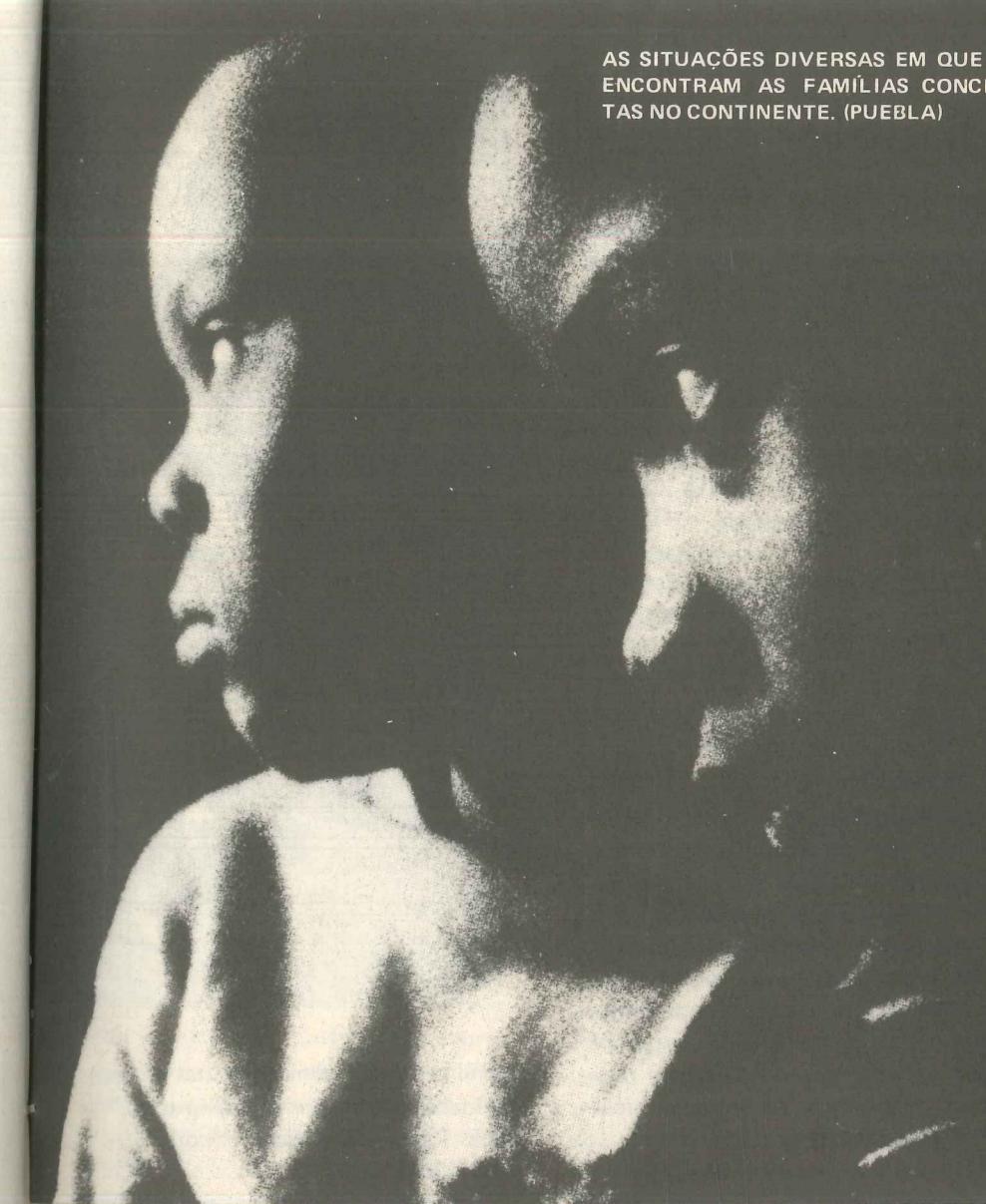
xos, a religião do povo mostra em certos casos sinais de desgaste e deformação: aparecem substitutos aberrantes e sincretismos regressivos. Além disso, pairam em algumas partes sobre ela sérias e estranhas ameaças que se apresentam exacerbando a fantasia com tons apocalípticos.

A religião popular latino-americana, há tempo, sofre por causa do divórcio entre a elite e o povo. Isso significa que lhe falta educação, catequese e dinamismo, devido à carência de uma adequada pastoral.

Os aspectos negativos são de origens várias. De tipo ancestral: superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo. Por deformação da catequese: arcaísmo estático, falta de informação e ignorância, reinterpretação sincretista, reducionismo da fé a um mero contrato na relação com Deus. Ameaças: secularismo difundido pelos meios de comunicação social, consumismo, seitas, religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais e políticas, messianismos políticos secularizados, perda de suas raízes e proletarianização urbana, em consequência das transformações culturais. Podemos afirmar que muitos desses fenômenos são verdadeiros obstáculos para a evangelização.

Se a Igreja não reinterpretar a religião do povo latino-americano, se dará um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados, pelo consumismo que produz tédio e a indiferença ou o pansexualismo pagão. Novamente a Igreja enfrenta o problema: o que não é assumido em Cristo não é redimido e se constitui em ídolo novo com malícia antiga.

AS SITUAÇÕES DIVERSAS EM QUE SE ENCONTRAM AS FAMÍLIAS CONCRETAS NO CONTINENTE. (PUEBLA)



família: vítima predileta dos sistemas

A família é imagem de Deus, que "no mais íntimo do seu mistério não é uma solidão, mas uma família (João

Paulo II, *Homilia Puebla*, 2 — AAS, LXXI, p. 184). É uma aliança de pessoas, à qual se chega por vocação amo-

rosa do Pai, que convida os esposos a uma "íntima comunidade de vida e de amor" (GS 48), cujo modelo é o amor de Cristo por sua Igreja. A lei do amor conjugal é comunhão e participação, não dominação. É uma exclusiva, irrevogável e fecunda entrega à pessoa amada, sem perder a própria identidade. Um amor assim compreendido, em sua rica realidade sacramental, é mais do que um contrato; possui as características da aliança".

A sociedade, para que funcione, requer as mesmas exigências do lar: formar pessoas conscientes, unidas em comunidade e fraternidade para fomentar o desenvolvimento comum. A oração, o trabalho e a atividade educadora da família, como célula social, devem pois orientar-se a trocar as estruturas injustas pela comunhão e participação entre os homens e pela celebração da fé na vida cotidiana.

"Na interpelação recíproca que se estabelece no decorrer dos tempos entre o Evangelho e a vida concreta pessoal e social" (EN 29), a família sabe ler e viver a mensagem explícita sobre os direitos e deveres da vida familiar. Por isso, denuncia e anuncia, compromete-se na transformação do mundo em sentido cristão e contribui para o progresso, a vida comunitária, o exercício da justiça distributiva, a paz.

A família é uma das instituições em que mais influiu o processo de mudança dos últimos tempos. A Igreja tem consciência — nos recordou o Papa — de que na família "repercute os frutos mais negativos do subdesenvolvimento: índices verdadeiramente deprimentes de insalubridade, pobreza e até miséria, ignorância e analfabetismo, condições desumanas de moradia,

16



subalimentação crônica e tantas outras realidades não menos confrangedoras" (João Paulo II, *Homilia Puebla*, 3 — AAS, LXXI, p. 184).

Além disso, é preciso reconhecer que a realidade da família já não é uniforme, pois em cada família influem de maneira diversa — independentemente de classe social — fatores sujeitos a mudanças, como sejam: fatores sociológicos (injustiça social, principalmente), culturais (qualidade de vida), políticos (dominação e manipula-

conjugal e o aborto ou a aceitação do amor livre e das relações pré-matrimoniais.

A família rural e suburbana sofrem particularmente os efeitos dos compromissos internacionais dos governos, no que respeita ao planejamento familiar, traduzidos em imposição antinatalista e experiências que não levam em consideração a dignidade da pessoa nem o autêntico desenvolvimento dos povos.

Nesses setores populares, a situação de desemprego, crônica e generalizada, afeta a estabilidade familiar, já que a necessidade de trabalho força à emigração, a ausência dos pais, à dispersão dos filhos.

Em todos os níveis sociais, a família também sofre o impacto deletério da pornografia, do alcoolismo, das drogas, da prostituição e tráfico de brancas, assim como o problema das mães solteiras e das crianças abandonadas. Diante do fracasso dos anticoncepcionais químicos e mecânicos, passou-se à esterilização humana e ao aborto provocado, em cuja propaganda se lança mão de campanhas insidiosas.

Urge um acendrado esforço pastoral para evitar os males provenientes da falta de educação no amor, da falta de preparação para o matrimônio, do descuido na evangelização da família e na formação dos esposos para a paternidade responsável. Além disso, não podemos ignorar que grande número de famílias do nosso Continente não recebeu o sacramento do matrimônio. Não obstante, muitas famílias dessas vivem em certa unidade, fidelidade e responsabilidade. Tal situação desperta interrogações teológicas e exige um adequado acompanhamento pastoral.



quem tem medo da polícia?

Carlos Eduardo Novaes

A julgar pelas sindicâncias e inquéritos promovidos por policiais dentro da própria polícia, para apurar possíveis irregularidades ligadas à prática de torturas e maus-tratos, chega-se à conclusão de que nossos agentes da lei e da ordem não servem para manter a segurança pública: são meigos demais, doces demais, comportam-se diante dos cidadãos, sobretudo os de baixa renda, como verdadeiros congregados marianos. Vejam por exemplo o caso do servente Alzirô Oliveira, que apareceu morto no interior do xadrez de uma delegacia policial. Os mais apressadinhos — inimigos da lei e da ordem — rapidamente insinuaram morte por tortura. No entanto, a Secretaria de Segurança abriu uma sindicância, exigindo todos os pormenores e pormaiores da ocorrência, e qual foi o resultado? O de sempre: suicídio. Fico impressionado com a quantidade de pessoas que, no Brasil, escolhem justamente as celas das delegacias para o suicídio. Por que será?

— Sentimento de culpa — disse-me o comissário Brucutu. — São presos que normalmente tratam muito mal os policiais, e depois, arrependidos, só encontram saída no suicídio.

Realmente, são inúmeros os casos de policiais torturados por presos nas delegacias brasileiras. Nessas circunstâncias, é claro, só resta ao policial revirar à violência. A Justiça parece compreender que os agentes da lei e da ordem agem em legítima defesa, pois, segundo uma reportagem da revista *Veja*, entre janeiro de 1978 e junho deste ano, foram instauradas em São Paulo 231 sindicâncias para apurar as torturas que os policiais infligiam aos presos. De todos os policiais implicados, apenas quatro foram condenados.

Condenados provavelmente à liberdade, porque nenhum deles está preso.

Agora, no caso do servente, a polícia está às voltas com novas intrigas. Andam dizendo por aí que houve abuso de autoridade na prisão de Alzirô, que ocorreu sem mandado e sem flagrante. O subdelegado envolvido interrompeu sua aula de catecismo para relatar a verdade dos fatos:

— Aqui não há abuso de autoridade. O servente não foi preso. Apenas recebeu um convite verbal para vir à delegacia. Um convite para participar da festinha de aniversário do escrivão.

— E como é que ele foi parar no xadrez? Roubou algum presente do escrivão?

— Bem, por sorte perguntei pela família e ele me respondeu que tinha acabado de espancar o filho de 12 anos. Você precisava vê-lo contando. Os policiais, homens sensíveis, que escutavam o relato, chegaram a ficar com náuseas. Achei que um cara desses não pode ficar em liberdade. Hoje espanca o filho, amanhã a mulher, depois o patrão, ia acabar querendo espancar o Presidente da República.

Dois dias depois, Alzirô apareceu suicidado: enforcou-se com as próprias calças. O gesto impensado do servente surpreendeu a todos na delegacia. Como foi, ninguém sabe, ninguém viu. O carcereiro estava no banheiro, o comissário de plantão procurava o *Sky-lab* no céu, e o delegado declarou (parece piada) a um jornal:

— Eu só soube desse caso pela imprensa.

— E por que Alzirô só foi entregue à família uma semana depois de suicidado?

— Bem — disse o subdelegado — Estavamos tentando recuperá-lo. A vida

humana é muito importante para nós aqui. Tentamos tudo, respiração boca a boca, massagens no coração...

— Corre um boato por aí que ele foi espancado.

— Para mim, ele se auto-espancou... ou então foi o filho, querendo ir à forra. De qualquer maneira, para acabar de vez com esses boatos, mandamos fazer uma sindicância aqui: ouvimos os 14 presos, e nenhum deles viu Alzirô ser espancado. Aliás, num gesto que me comoveu bastante, os 14 presos, quando interrogados por meus policiais, disseram que esta é a melhor delegacia do mundo.

— E quanto às costelas quebradas?

— Não sei do que está falando. Bem, só se ele já chegou aqui com elas quebradas.

— O exame do IML revelou que as fraturas ocorreram quando Alzirô estava na cadeia.

— Então eu já sei. Foi o Brucutu, é uma flor de rapaz, mas tem uma mão de ferro. Bem que escutei uns estalos quando ele fazia massagem no coração do servente.

Todas as dúvidas, como sempre acontece, foram devidamente dissipadas. Restava saber apenas por que, tendo Alzirô se enforcado com as próprias calças, não deu entrada no IML com elas ainda enroladas no pescoço.

— Bem, aí você já está querendo demais — justificou o delegado. — Isso era impossível. Ao se enforçar, ele estava com as pernas dentro das calças.

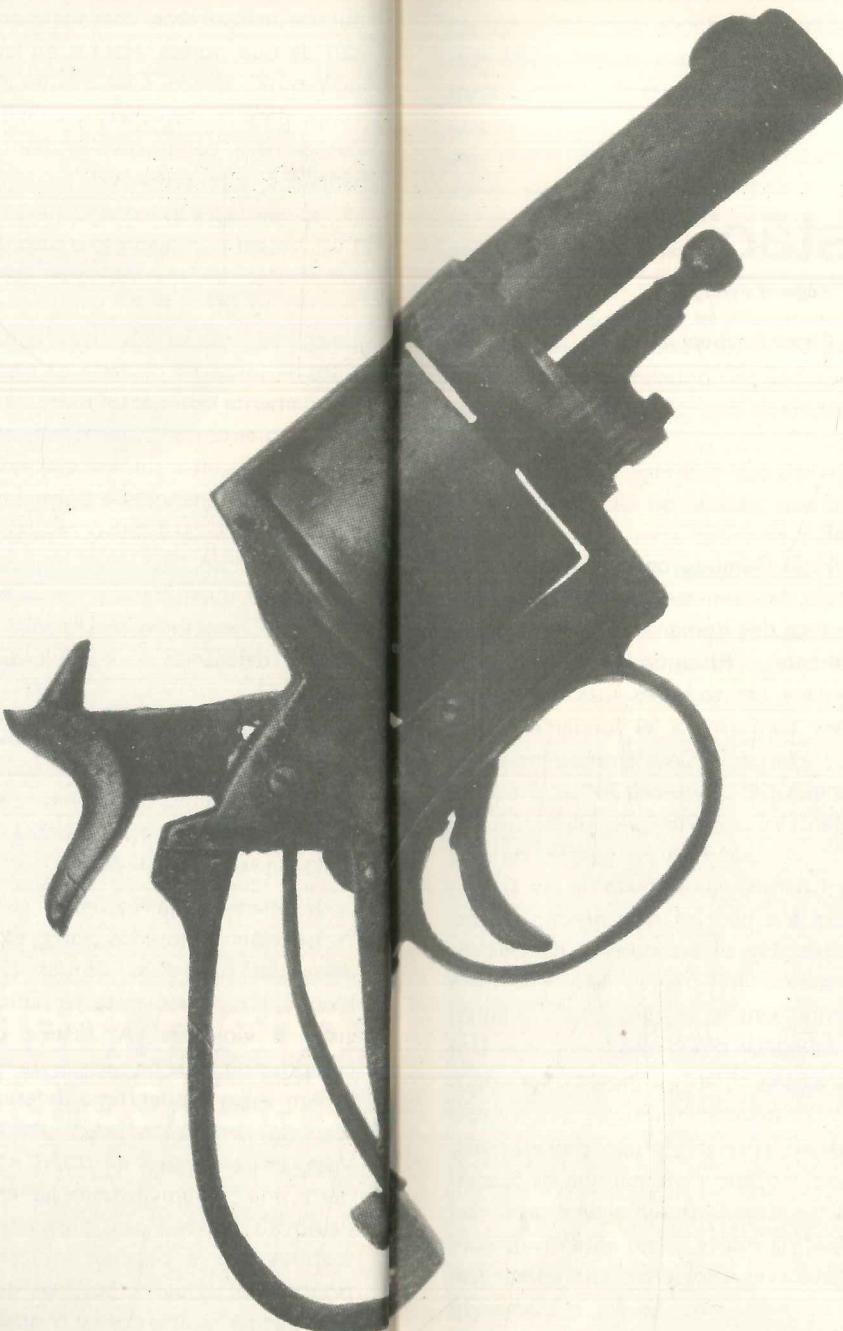
Segunda-feira, então, teve o início do inquérito para esclarecer as circunstâncias em que morreu Alzirô. Provavelmente tudo seria encerrado com uma breve sindicância, caso não houvesse a intervenção do Presidente da República. Afinal, tratava-se apenas de um servente. Qual é a importância de

20

um servente em nossa escala social? Diz um dos primeiros artigos da Declaração dos Direitos Humanos que "todo homem é igual perante a lei". Mas e a lei? Será igual perante os homens? No Brasil, como nos países onde há profundas desigualdades sociais e econômicas, o comportamento da polícia — que reflete esta desigualdade — anda de braços dados com a renda familiar do acusado. Como costuma dizer Juvenal Ouriço, a sociedade brasileira está dividida em duas classes: a classe que suborna a polícia e a que apanha da polícia.

Acho bastante louvável o interesse do Presidente, mas devo acrescentar que já vi esse filme antes. Conheço o seu final. Quer apostar como não vai dar em nada, Presidente? Façamos o seguinte: se eu perder, me prontifico a passar três dias na cela de um distrito policial ou na jaula do leão do Gran Bartholo Circus (tanto faz); se eu ganhar, o Governo fica obrigado a modificar toda a estrutura policial do país, começando por enviar a maioria dos policiais a um curso de boas maneiras. Pode ser que assim as pessoas passem a ter menos medo da polícia do que dos assaltantes. Chegamos a um ponto em que muita gente já está achando que o melhor seria abrir várias delegacias de ladrões. Só assim a população teria a quem recorrer quando assediada pelos policiais. Segunda-feira, podia-se ler nas páginas de esportes do JB um sintoma da confiança que os cidadãos depositam nos agentes da lei e da ordem: terminado o jogo, um torcedor da Geral invadiu o campo e, quando apanhado por dois policiais, suas primeiras palavras foram:

— Eu não fiz nada, só quero dar um abraço no Zico. Por favor, não me matem!



“Sou Cristão”

Roger Garaudy
em entrevista a
Cícero Sandroni

Em 1970, no XIX Congresso do Partido Comunista Francês, Garaudy discursa durante 20 minutos sob aplausos. Suas últimas palavras: “Ao falar pela última vez desta tribuna, declaro, com tristeza mas sem amargura, que se os métodos do passado pesam sobremaneira para permitir um verdadeiro debate, ninguém acabará com a confiança que deposito no futuro do nosso Partido. Nossa causa é justa. Nosso objetivo será alcançado. Ele será mais celeremente conseguido quanto mais rápida e profundamente alterarmos os nossos métodos, o que irá ocorrer porque mesmo que afastemos alguns daqueles que os criam, os problemas continuarão se apresentando no decorrer da vida”.

Anos depois, é possível que Garaudy não pense exatamente da mesma forma. Mas uma semana após pronunciar essas palavras, quase abafadas pelo ruido de assobios e vaias, ele era expulso do PCF por “heresias ideológicas”.

cas”.

Hoje Garaudy considera-se preso à tarefa de devolver “a fisionomia à esperança dos homens”. Ele o diz seguidamente: “Fisionomia da plenitude humana em todas as suas dimensões. Viver conforme a lei fundamental do ser: o amor. A Cruz ensinou-me as renúncias. A Ressurreição, as ultrapassagens. Eu sou cristão”.

“— O que mais me espanta na vida do Cristo é que se trata de um fracassado. Ele não foi nem mesmo rei dos judeus. Ele se fez homem na vida do operário sem poder, sem haveres e mesmo sem saber, sem aquela orgulhosa sabedoria dos gregos e romanos. Um fracassado, que por decisão foi cumulado de injúrias, bofetadas, a quem castigaram com o suplício dos escravos. Em suma, um marginal que os passantes injuriavam, que ninguém procurou salvar da morte. E no entanto os conquistadores, morreram sem deixar traço em nossa vida. Só ele, o fracassado

de Nazaré, continua a nos interpelar e a caminhar sobre esta nossa terra com passos de eternidade”.

“— O que é uma Igreja que ora pelos oprimidos sem apontar os opressores? Digo francamente: é uma Igreja desencarnada. A encarnação é aquilo que me lembra que meu corpo é o que me insere no mundo para transformá-lo, para habitar plenamente a história. Esta encarnação começou há quase 2 mil anos, mas não acabou. Só estará terminada quando tivermos feito do mundo, através de nossos esforços, um só corpo onde tudo será partilhado, onde o trabalho não será mais servidão e exploração, mas liberdade e poema”.

“— É preciso entender que a fé não é uma concepção do mundo, mas um modo de agir. A cada época da História do mundo ela se traduz e se exprime através da linguagem e da cultura da época. Se hoje as Igrejas cristãs atraíssam uma crise, e isso é inegável, pode-se senti-la através de declarações de

membros de hierarquia, não se trata de uma crise de fé, mas de uma crise da cultura dentro da qual se exprime essa fé. E aqui e agora, ela se exprime através da língua e da cultura do mundo ocidental. E reflete-se na Ásia e na África, onde as colônias, eram consideradas pela Igreja como “terras de missão”. Lá, o cristianismo surgiu levado por uma cultura estrangeira, exploradora. Foi despejado pelos caminhões do colonialismo. Hoje verifica-se um grande progresso. Estão ultrapassadas concepções antigas da “missão”.

“Marx não foi condenado à morte, mas sofreu um martírio em vida. Viu em pleno sofrimento. Quanto a Jesus, do ponto-de-vista histórico, foi subversivo e profético e assim continua, nos tempos de hoje. Foi subversivo para o poder romano quando disse: “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”. Não havia nada mais subversivo na época, para o Império, já que o imperador estava identificado



com o poder divino. Já era condição suficiente para condená-lo à morte. Em relação aos judeus ele também era subversivo. Quando no Sermão da Montanha ele se apresenta como maior que Moisés. Isto para os sacerdotes era pura heresia, blasfemia e subversão que deveria ser castigada de forma exemplar. É claro: Jesus não era um revolucionário, não exercia a prática política como os zelotes, guerrilheiros em luta contra o Império.

Mas era um subversivo em sentido mais profundo. Sua luta não estava localizada tão somente na Palestina e nem se dirigia apenas contra o poder romano. Questionava todos os valores da sociedade estabelecida em seu tempo e numa forma que tinha valor universal para todos os povos e todos os tempos.

Creio que existe na política uma dimensão espiritual que não pode ser recusada em nome de uma eficácia política. A necessidade de fazer de cada homem um homem. Um ser à imagem, de Deus e criador como ele. O Padre Chenu utiliza a expressão co-criador. Então, somos co-criadores da obra de

Deus. Isso não nos permite deduzir um programa político e social mas permite-nos criar o que chamo de uma "política negativa", no mesmo sentido em que existe uma "teologia negativa". Isto é, a "teologia negativa" seria a discussão a partir da idéia de que Deus não existe, a partir da exclusão de Deus. Assim toda a política negativa também leva-nos a excluir, condenar, combater tudo o que impede de fazer de cada homem e de todo homem, um homem à imagem de Deus, um co-criador de Sua obra. Dessa forma isso leva-nos a combater a política do racismo, a política de opressão de uma nação por outra, de uma classe por outra, de uma religião por outra e toda a forma de exploração econômica, que reduz os trabalhadores a meros meios ou instrumentos de produção".

Garaudy observa que não se trata de construir uma política para servir à Igreja ou extraída da doutrina social da Igreja.

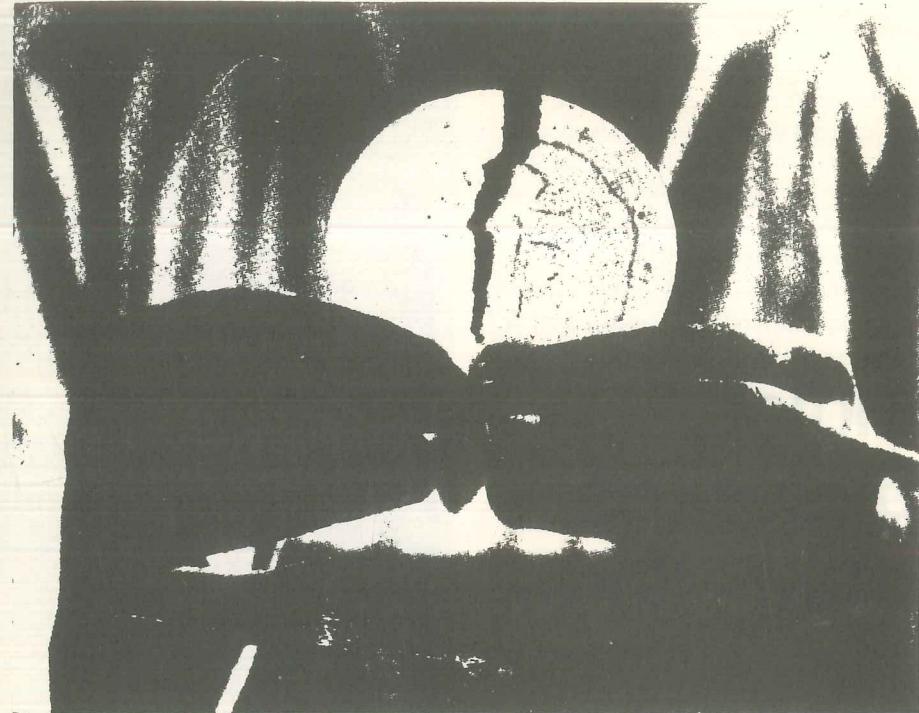
O cristão pode e deve dizer "não" ao conjunto de ordenações sobre o qual repousa um sistema injusto e explorador, anti-humano, como o fez o

Auto Peças Mercedes dos Parafusos



- Parafusos • Porcas
- Arruelas • Ferramentas • etc
- Atacado e Varejo

Av. Suburbana, 10.033-D — Tels.: 249-8918 e 229-5855
Cascadura — Rio de Janeiro — RJ.



Cristo em seu tempo, aceitando de antemão o martírio e a morte, por sua atitude.

O que representa realmente, na sua vida, a Eucaristia?

Pode-se dizer que o vinho não é sangue e pão não é carne, é evidente. Mas o que me parece evidente é que o pão e o vinho não são coisas, à maneira de uma pedra, de uma nuvem ou de um rio. O pão e o vinho não existem senão em uma comunhão humana, em uma comunidade de trabalho e de intercâmbio. . . Toda a gesta do pão nos lembra que o homem é ao mesmo tempo trabalho e amor. Cristo não está no pão, está no pão partilhado. Não está no ser do pão, está no ato de partilhá-lo. Só que isto também nos interpela, porque o pão, na realidade não é partilhado. Só o é em um rito simbólico: a comunhão. Em toda a

parte, fora disso, ele é posto no mercado que recria a selva das feras: "Se meu vizinho tem fome, tanto melhor; eu lhe venderei mais caro o meu trigo.

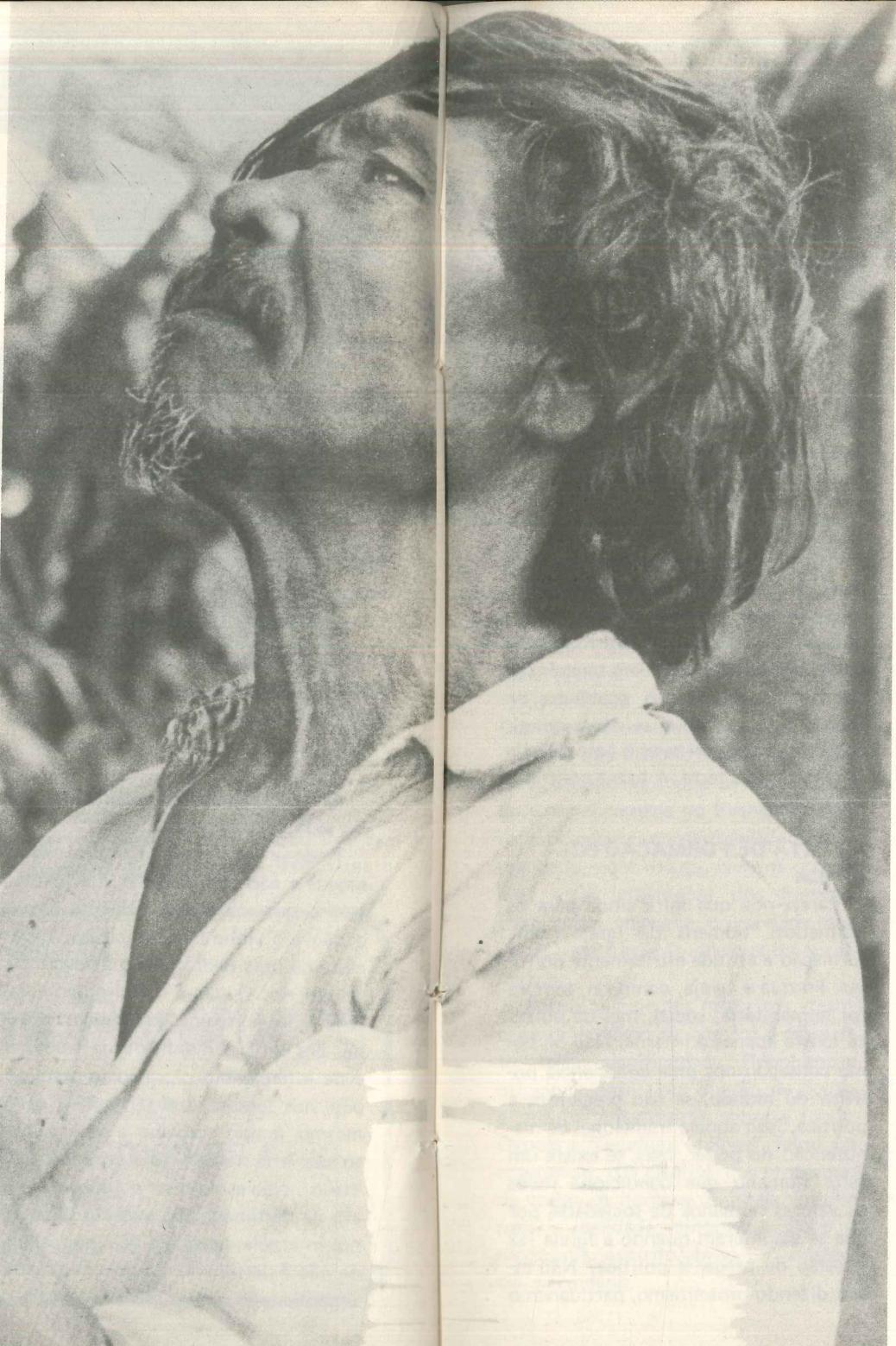
Esse mercado é o contrário da partilha, é o contrário do amor. Naquela cerimônia, o que me tocou e o que alimenta a vida do militante é que se toma consciência de que este pão não é uma coisa, é um ato. O de produzi-lo, o de reparti-lo: e este ato pode ser gerador de violências, quando for concorrência. Mas pode ser um ato de amor, se for partilhado. Só a partilha é humana, é divina. A Eucaristia implica, pois, em minha opinião, uma existência militante: lutar contra a economia de mercado, isto é, lutar para que todo o pão e todo o vinho e todas as coisas sejam partilhadas, e não vendidas. A exigência da fé é ao mesmo tempo uma exigência política.

índios, posseiros e lavradores

D. Pedro Casaldáliga

O fato de o regime ou governo focalizar a Amazônia legal como reserva de investimentos, isso a partir dos interesses do sistema, significou automaticamente uma política com organismos, projetos e outras coisas. Criou-se então a Sudam, que tenho chamado algumas vezes de "prostituta do latifúndio". A Amazônia legal passava a ser então objeto de incentivo para o gado (fundamentalmente o que conhecemos como mais conflitivo), para o minério; e para as estradas, como infra-estrutura a favor do próprio gado, do próprio minério. Aí, tudo aquilo que significasse empecilho para estes projetos (que por um lado eram ultragrandiosos e por outro ultra-acelerados) era mal visto. Os grandes, primeiros e anteriores empecilhos eram os próprios índios. Depois os posseiros e lavradores.

26



Agora, sobretudo as empresas multinacionais cobram previamente uma garantia de segurança. E então, se índio atrapalha, se posseiro atrapalha e se a Igreja acolhe o índio e o posseiro, ela também atrapalha. Acontece que os posseiros e índios não têm possibilidade alguma de voz e voto, não se fazem ouvir pelos meios de comunicação e a Igreja, tendo esta possibilidade, é nosso dever nos fazermos porta-vozes das necessidades desse povo, das injustiças a que eles estão sendo submetidos.

O ÚNICO CAMINHO

A única medida real, a longo prazo, seria uma verdadeira e radical reforma agrária. Com isso estou querendo dizer: uma transformação do sistema, se não não há possibilidades. Mas haveria um modo de minimizar o problema, se fossem respeitados os posseiros, suas regiões, as pequenas populações e o povo em geral que vive espalhado por esta terra imensa.

Que ponham um pouco, o mínimo destes incentivos fiscais que estão oferecendo para o resto dos grandes (a minoria dos grandes) nas mãos destes lavradores e acompanhem os resultados.

COMO REPERCUTEM AS PRESOES SOBRE A IGREJA

Primeiro, interfere-se em algumas Igrejas que não estão em contato direto com esta realidade concreta e se comprometem menos porque vêm o problema com menor clareza; porque ficam com medo de dividir, ou são alertados. Segundo, consegue-se que a própria opinião pública se divida também. E a situação, as forças de opressão, interesseiras, se sentem mais fortes com isso, alegando que não é a Igreja total que se manifesta.

27



A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA

Parece-me que o problema da migração, rural/urbano, não deve ser considerado como uma simples passagem de um lugar para outro, mas sobretudo a passagem de um lugar que, sendo campo, tem seus condicionamentos, suas possibilidades para um outro lugar, que, sendo cidade, tem também seus condicionamentos, seus problemas. O sujeito leva para a cidade, por exemplo, uma cultura rural, uma nostalgia e saudade rural, medo, tradições, e entra na cidade completamente despreparado. Assim, além dos problemas objetivos que a cidade tem, existe o choque rural/urbano.

Aí, parece-me que há um grande erro por parte de muitos elementos da Igreja que não conseguem ver esse país como um todo, querendo dividir o urbano do rural. Querendo evitar tanto aquela famosa divisão da Igreja, dividem-na. Dizem: "Eu sou a Igreja Urbana e vocês a rural. . ." Ora, quem é tão ingênuo de pensar hoje que um problema rural não seja esquematicamente urbano? As favelas deste país são compostas de homens do campo que perderam sua própria vocação agrícola. Os bôias-frias da cidade são o quê? Todos estes 30 milhões de migrantes (estatística oficial) de Estado para Estado, cidade para cidade. E estes 10 milhões de famílias, segundo o INCRA, são o que? Estes não estão no campo, estão na cidade. Acho ótimo quando D. Paulo Evaristo diz que o maior problema da pastoral no Brasil é a imigração. Temos que concordar perfeitamente que, quando se fala em migração, fala-se automaticamente em problema agrícola como ponto de partida e urbano como ponto de chegada.

28

Parece que o problema maior é de perceber o que leva o homem do campo a sair para a cidade, o que não é só problema de Igreja. Organismos estatais e particulares deveriam também se preocupar a encarar o problema de frente. É preciso que se dêem condições ao homem do campo para que ele se fixe em sua terra. A Igreja contribui a seu modo.

A FALTA DE FORMAÇÃO POLÍTICA

Parece-nos que falta ainda para os chamados "homens de Igreja" uma formação e atitude estritamente políticas. Porque a Igreja, como tal, sempre foi humanitária, social, mas de política existe apenas a interna. Não há como conseguirmos uma consciência política do mundo, se não pregarmos a política. Não aquela tradicional de manutenção do poder, mas, se existe um valor humano que condiciona todos os valores humanos da sociedade, por que se assombram quando a Igreja faz questão de pregar a política? Não estou dizendo proselitismo, partidarismo

ou qualquer outra coisa. Mas à medida que aquele que é cristão, que é Igreja tiver consciência política, míima que seja, e assumir uma atitude comprometida com o povo, compreenderia perfeitamente a função da Igreja no mundo e, por exemplo, a finalidade das CEB (Comunidades Eclesiais de Base). Se estas são bem realistas, encarnadas na realidade, pensam, refletem e se comprometem, cada vez mais forçarão a sociedade a se transformar. E nós, Igreja, estamos querendo é isto: fermentar a humanidade e o mundo. Existe aí uma falta de energia em encarar a realidade e deixar essa política comprometida com poderes.

É MISSÃO DA IGREJA ENFRENTAR ESSES PROBLEMAS

Aqui poderíamos distinguir dois aspectos. Um fundamental, de estrutura de Igreja, que é a sua essência, e outro mais histórico. Seria lembrar que o Deus em que nós acreditamos é um Deus feito homem. A encarnação é o mistério que historicamente faz a Igreja. A verdadeira Igreja de Jesus Cristo deve ser encarnada no Evangelho e automaticamente comprometida com a realidade, com a luta, com os problemas e as esperanças dos homens. Uma Igreja, engajada, o que nada mais é que uma tradução profana de encarnada.

Sobre os aspectos históricos, destaca-se o Vaticano II, que foi o momento mais significativo. Representou principalmente uma divisão de águas; a própria constituição sobre a Igreja. Depois a "Gaudium et Spes", falou das esperanças, das alegrias, dos problemas de todos os homens. A Igreja volta-se para a realidade, tentando superar a dicotomia espírito/corpo — existência/eternidade.

Grêmio Sorriso

— Moço, me dê um cruzeiro para eu comprar uma camisa ali no Bazar de Pechinhas do GRÊMIO SORRISO.

Reparei no menino: pés no chão, calcinha surrada e camisa rota sem botões. Fazia frio. Não sei precisar o tempo que meus olhos se prenderam nele. Não era só de camisa que precisava o menino. Além de tudo, parecia faltar-lhe a segurança de um lar.

Lembrei-me da minha infância. Eu também já andara descalço e nem sempre tivera uma camisa de frio, em contra-partida, possuía um lar que aquecia o suficiente evitando o enrijecimento do sentimento, pelo amargo frio da vida. Quando ia à feira, no final da feira, comprar artigos mais baratos, encontrava as calçadas cheias de necessitados estendendo suas esqueléticas mãos à compaixão pública. Pensava: quando eu crescer terrei um grande sítio onde porei todos os necessitados. Cada um terá uma tarefa de acordo com sua possibilidade. Uns vão varrer, outros lavar, outros plantar, outros cuidar das galinhas, etc...

O menino sonhador cresceu, percorrendo caminhos que não previra. A dura realidade lhe ensinou muitas coisas que tentaram apagar seus sonhos infantis e só o futuro dirá se a criança de então sonhava ou planejava.

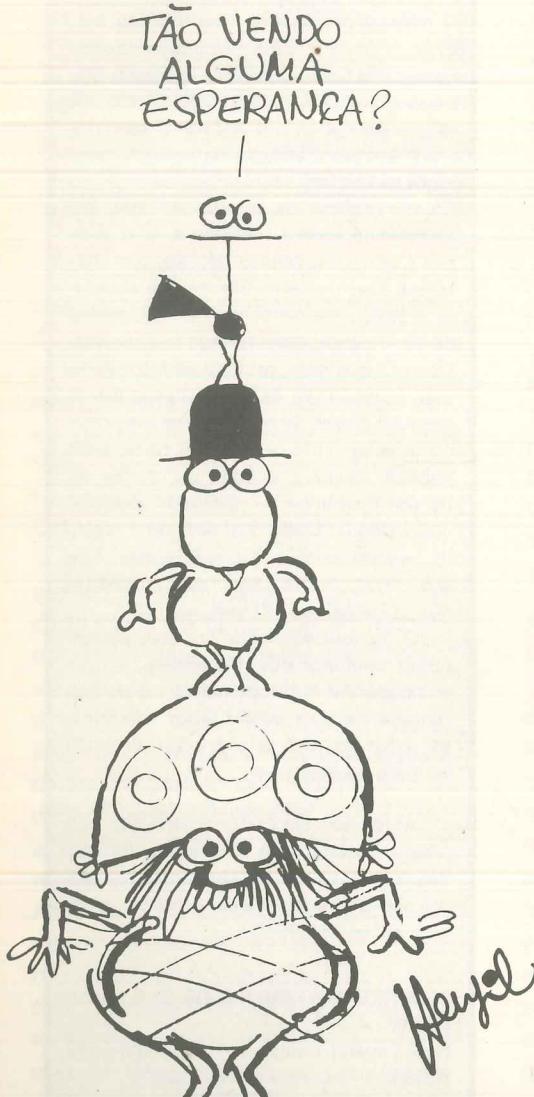
Ajude ao GRÊMIO SORRISO que assiste Excepcionais em regime de Lar-Pensionato na Trav. Serafim, 12 — Pedra de Guaratiba (Sede Própria) — Informações: 263-9012.

R. PINTO MATERIAIS DE ELETRO

Rua General Caldwell, 173 — 263-9012 (PABX) — Rio de Janeiro — RJ.

anunciar um mundo novo

José e Cenira Frizon



30

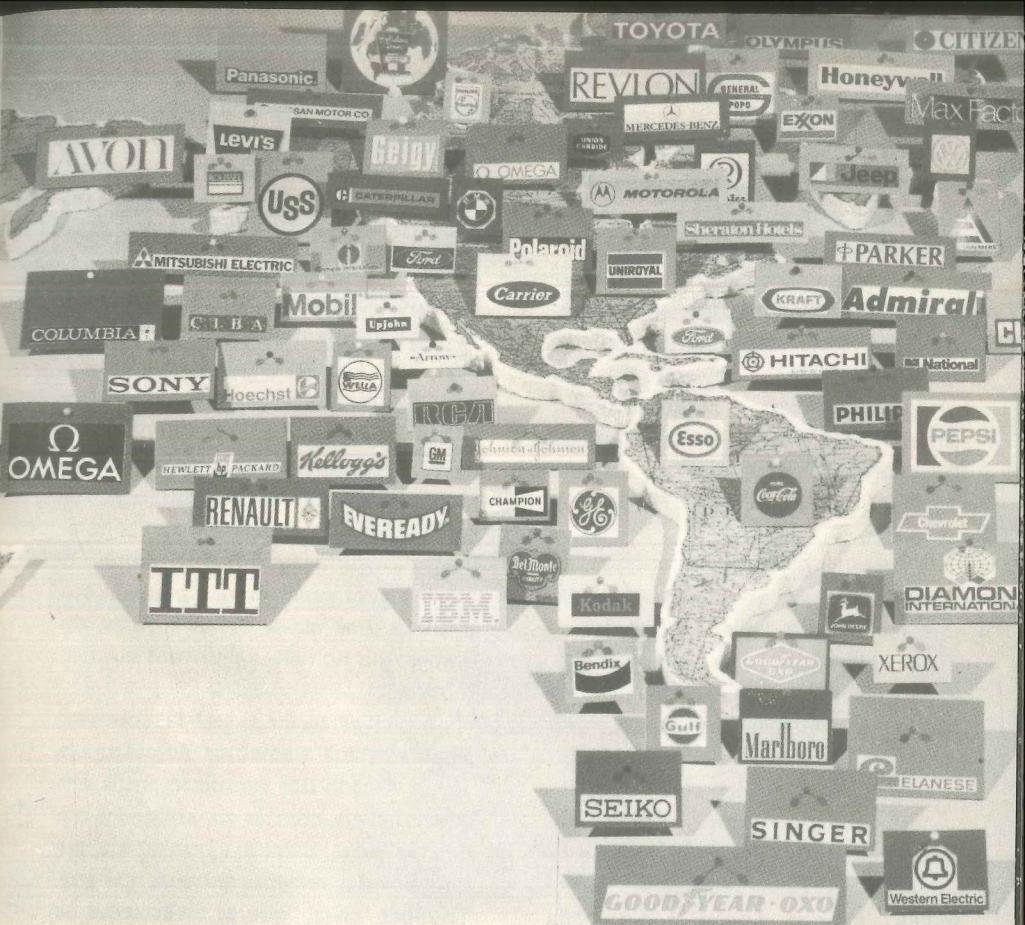
Sabemos onde vivemos. Num subcontinente submetido à opressão e à espoliação. Por isso, a praxis da fé cristã, na América Latina se dá fundamentalmente no campo político, pois, chegou a hora de viver a fé a partir de uma tomada de consciência da realidade concreta.

O problema é básico para o homem. As estruturas de dependência e dominação o subjugam, tirando-lhe a possibilidade efetiva e real de ser. Tal situação coisifica o homem, tolhe sua esperança, impede sua maturação, sua evangelização. A dependência "desfuturiza" o homem. A reflexão e a ação política devem se fundamentar na pesquisa e estudo científico da realidade.

Cometeríamos um erro em pensar que a fé proporciona critérios e normas para uma correta ação política.

É a leitura científica do problema social, dos sistemas políticos e econômicos, da existência dos bens de valor, que impulsiona a praxis da fé. O homem "é um ser situado, uma realidade situada". Pode encontrar-se dominado, oprimido, ou esmagado.

Assim sente necessidade de amadurecer sua fé cristã, espera pelos profetas, por quem proclame a boa nova, pois há somente uma História, "a da graça da libertação e a da desgraça da opressão".



A massificação do homem pode ser combatida mediante uma educação que leve ao despertar e ao crescimento da consciência crítica, resultando numa educação verdadeiramente libertadora.

Urge tomar consciência, sentir até onde o subdesenvolvimento limita a maturação da fé cristã e produz condições culturais que se tornam obstáculos à evangelização.

O capitalismo latino-americano, como sistema econômico, se caracteriza e se apresenta como um capitalismo dependente, cujos centros de decisão se situam fora dos países e se moldam segundo interesses externos. De outro lado o sistema coletivista

atrai para o Estado o monopólio dos bens e valores, suprimindo da pessoa o direito de ser sujeito da sua história. As ideologias da segurança nacional em proliferação na América Latina, são também fruto da dependência a centros de decisão fora do Continente, visando a garantir o comércio internacional. Ambos os sistemas são estruturalmente incapazes de concretizar um desenvolvimento humanizante a serviço da maioria dos homens. Esses sistemas manipulados pelas potências econômicas mundiais hoje dominam e mantêm subjugados mais de dois terços da humanidade, através de distorções crescentes do comércio internacional, com a expansão geográfica

31

e estratégica do capital, a fuga de técnicos e de lucros, causando o endividamento progressivo dos povos subdesenvolvidos, dependentes daqueles centros de decisão, e através de novas articulações do próprio sistema econômico pela dinamização do processo mercantilista. Sugam o trabalho e as riquezas dos países dependentes, com a transnacionalização de empresas. O certo é o que convém ao grupo dominante. Estabelecem-se os monopólios internacionais, imperialismo internacional do dinheiro, e se desenvolve a corrupção.

O desenvolvimento hoje não se comprehende como um passo natural de uma sociedade pré-técnica que deverá atingir determinado estágio-padrão. Dizia-se que havia fases a percorrer para um desenvolvimento baseado na técnica. Resultava então a apresentação do problema como técnico e não político. Agora, se fala em países em via de desenvolvimento ao invés de país subdesenvolvido. Considera-se país desenvolvido quando atinge determinada renda per capita, tal produto nacional bruto e passa a integrar o rol das "potências emergentes". Ora, tal raciocínio não procede. As etapas vividas, por exemplo, pelos Estados Unidos ou Europa Ocidental, uns cem anos atrás não correspondem à realidade dos países subdesenvolvidos de hoje. Aqueles países que se apresentam super-desenvolvidos não eram econômica e culturalmente dominados e dependentes de outros centros hegemônicos. A concorrência não era a que se configura hoje; não havia os monopólios tão poderosos dos grandes capitais e dos centros financeiros, nem tantos gravames e cargas tributárias, sistemas tão rápidos de dependência entre nações.

Diagnosticar a situação da América Latina frente às realidades gritantes de dependência e opressão leva ao choque com as minorias dominantes e com os centros internacionais de poder que apoiam e justificam o estado de coisas reinante. Contudo, só existe verdadeiro desenvolvimento quando o centro de decisão das mudanças está no próprio coração dos povos que crescem. Buscar a revolução social significa abolir a realidade de injustiça e iniquidade e substituí-la por outra qualitativamente diferente. É construir uma sociedade justa, baseada em novas relações de produção e novos valores. É banir a submissão de uns países a outros, de uma classe social a outra, do homem ao homem e vivemos em fraternidade.

A evangelização se realiza, com sensibilidade aos elementos da cultura e ao significado dos acontecimentos, em solidariedade com as comunidades em que se vive. Caminha através da via histórica das relações entre os homens. Toynbee dizia "que as civilizações se definem pela capacidade de responder adequadamente aos desafios propostos".

Pergunta-se agora: O cristão de hoje mostra-se solidário com o pobre, o oprimido, o perseguido, e o espoliado da América Latina? Está consciente de que o caminho para a libertação exige conhecimento e análise da realidade global? Impulsiona ou impede o processo de libertação em curso nos países do Terceiro Mundo? Está solidário com os que lutam por uma mudança radical e urgente das estruturas, negando os sistemas visceralmente injustos? Cooperam na busca de uma democracia social para a América Latina, a serviço da humanização de todos?



um homem... uma mulher

P. Martin Segu Girona — psicólogo

A diferenciação dos sexos é uma realidade. Mas até que ponto será uma questão de natureza psicossomática, ou uma questão condicionada por fatores sócio-culturais?

Este tema é complexo, por estar estreitamente ligado à perspectiva de pessoa e natureza humana, e à visão sociológica do meio ambiente em que estão inseridos o homem e a mulher.

Dependendo da visão que tenha-



mos de pessoa a abordagem do tema poderá caminhar numa linha essencialista, estática ou fixista, ou numa linha existencial, segundo a qual nada é rígido, não há receitas prontas. Tudo está em constante evolução, numa ânsia de aperfeiçoamento.

São duas escolas bem diferentes. Seus pontos de partida chegam a ser quase antagônicos.

UMA VISÃO ESTÁTICA DO HOMEM

A primeira encara o homem como um ser ideal, pronto e perfeito e se propõe a ditar normas de comportamento para todos os homens. Aceita como ponto pacífico muitos condicionamentos que foram, antes, fruto do meio ambiente sócio-cultural, do que propriamente pertencentes à natureza humana. Baseia toda sua argumentação na natureza humana, apresentando duas naturezas humanas — uma masculina e outra feminina. Salienta muito a complementariedade como se os dois seres — masculino e feminino — fosse, cada um, a metade de uma única engrenagem. Frisa que o homem tem mais força física que a mulher, baseia-se na estrutura óssea, dizendo que a natureza masculina é mais forte do que a feminina, esquecendo-se que às vezes isso poderá ser fruto da alimentação ou do treinamento. Hoje, escolas psicológicas explicam a tão propagada ternura feminina muito mais como um processo de defesa e de chamar a atenção do homem, num determinado contexto sociológico, do que como uma qualidade inata da natureza feminina.

ponto mais saliente desta escola essencialista é frisar a passividade sexual da mulher em contraposição à atividade do homem e seu papel conquistador. Seria vergonhoso numa sociedade patriarcal a mulher conquis-

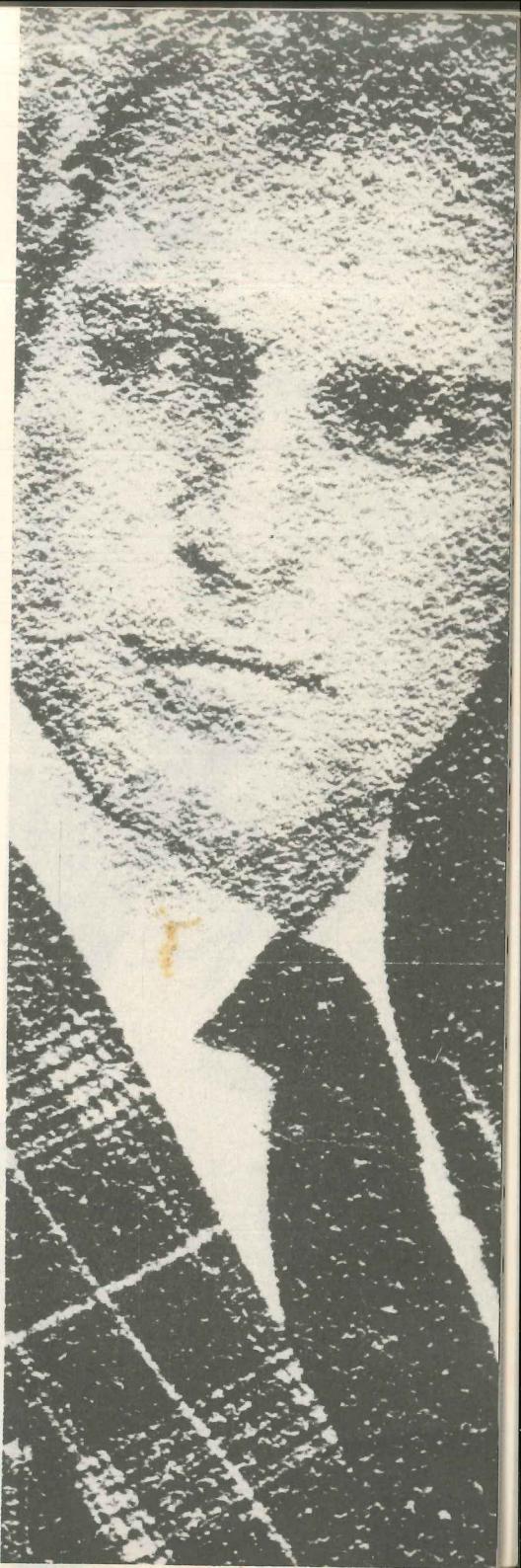
tar o homem! No entanto em estudos mais ou menos recentes feitos em tribos africanas, constatou-se justamente o contrário. Os homens são passivos e as mulheres ativas no plano sexual. Será que as mulheres da África Central são contra a natureza? Ou será que a tão propagada e espalhada passividade feminina é mais fruto de castração constante, sofrida desde a infância por intermédio de pressões condicionantes do meio ambiente que a obrigou a assumir determinado comportamento?

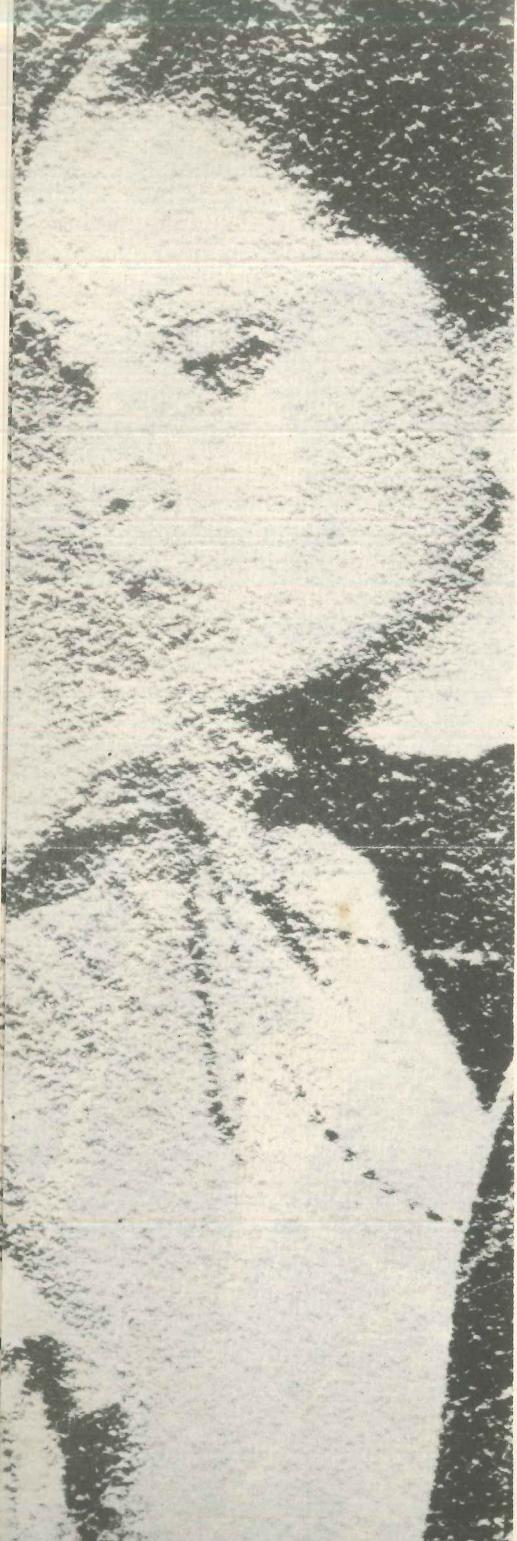
A dupla moral foi sempre bem aceita, e se não aceita totalmente pelo menos tolerada. Pois a menina desde criança soube que o homem é um privilegiado; para ele tudo é permitido e tolerado; argumento último: ele é homem. É uma mentalidade muito condizente com a sociedade patriarcal e machista, na qual o homem é um ser absoluto e soberano. Tudo depende dele.

UMA VISÃO EXISTENCIAL

A outra escola que aborda a pessoa humana no seu ambiente existencial, reconhece o seu vir-a-ser constante; parece ser mais lógica e mais coadjuvante com a perspectiva do amor personalista e na igualdade de pessoas para a construção da íntima comunhão de vida e amor.

Parte da realidade, torna o homem concreto e mulher concreta inseridos no meio ambiente e frutos de determinada época, de certa cultura. Sita-los no espaço e no tempo. Esta situação de espaço e tempo é importantíssima porque reflete esta ou aquela mentalidade. Se os casais procedem de uma sociedade dinâmica, isto é, em constante mutação social, a mentalidade será uma. Se forem universitários, será outra. Se operários, outra.





Daí a importância de usarmos de instrumentos sociológicos para dar um acompanhamento válido àqueles que querem e desejam formar uma autêntica comunidade de amor, ligar para sempre seus destinos, desabrochar como pessoas humanas, realizar-se dentro do seu matrimônio.

Toda a bagagem psicológica que carregam consigo, fruto do meio ambiente e de suas famílias, poderá auxiliar como dificultar a harmonização desejada. Devemos nos convencer de que não somos nem donos da verdade, nem possuímos varinhas mágicas para darmos receitas prontas e pré-fabricadas. Receitas aplicáveis a um meio ambiente, não terão repercussão em outro, porque os comportamentos e os meios são diferentes.

Será necessário que tenhamos a coragem da pesquisa, para possibilitar a abordagem existencial. Alguns dos aspectos que podem dificultar a íntima comunhão de vida e amor, frutos do meio ambiente, para serem superados a dois deverão ser conscientizados e questionados, para futuramente serem objeto do diálogo íntimo e sincero do casal.

MENTALIDADES EM CONSTANTE MUDANÇA

Advertimos que o que adiante se observará como mentalidade do homem das grandes cidades — em dinâmica constante de mutação —, nem sempre se verificará em cidades mais estáticas e tradicionais.

Como ponto de partida podemos verificar que estamos em plena crise de transição. Daí, é freqüente ouvirmos frases como esta: "a família está em crise, está acabando, vai desaparecer".

Ora, a família que está em crise, que desaparecerá ou está desaparecendo é a família patriarcal, isto é, aquela na qual tudo girava em torno do *pater familiae*. Ainda nos ressentimos dos seus últimos estertores, muitas vezes perniciosos, pois toda a formação que recebemos ainda está marcada de pontos patriarcais e machistas; vivemos numa sociedade e numa história feitas quase exclusivamente por homens. A mulher sempre foi marginalizada ou relegada a segundo plano. É com a Revolução Industrial que a mulher, por exigência econômica, começa sua participação no regime competitivo. Constata que em instrução jamais passará de uma simples operária. Começa a procurar instruir-se. Ou pelo menos não permitirá que sua filha se submeta à mesma condição dela. Não medirá esforços para que a filha possa se instruir e se possível chegar à Universidade.

Se se formar, entrará em regime competitivo direto com o homem. Se tiver mais capacidade e dotes que o homem, este começará a encará-la como sua rival. Isto às vezes dificulta o relacionamento no casamento, pois serão raros os maridos que se sintam realizados, quando percebem que suas esposas ganham mais do que eles. Se o casamento for encarado sob o aspecto de companheirismo, do somar-forças, tudo será compreensível, pois não se trata de dois rivais e, sim, de dois seres que se querem e põem tudo em comum. Não será diminuição, mas simplesmente complementação e comunhão.

A mulher que por vocação abraçou determinada carreira dificilmente renunciará ao seu exercício por causa do matrimônio. Esta é uma mentalidade comum, arraigada já nos meios uni-

versitários; a mulher é capaz de renunciar por causa de um valor mais alto como por exemplo a maternidade, se esta de fato for incompatível com sua profissão. Mas seria bom deter-se um pouco neste aspecto bastante importante, e fazer com que os dois dialoguem e se entendam.

Pois a mentalidade de o homem não permitir que a mulher trabalhe poderá ser uma forma de sujeição da mulher. E toda sujeição e dependência é contrária à comunhão. Na comunhão não há dependência de um ao outro, mas igualdade na diversidade, visando à complementação de intersubjetividades, por algo sublime que se chama amor.

O amor deve ser bem entendido, pois a mentalidade do homem de hoje, pressionado pelo meio ambiente carregado de erotismo e hedonismo, dificilmente atina com o seu verdadeiro sentido.

O amor é algo precioso, que não é dado mas construído com esforço cotidiano e sacrifícios constantes. Sem renúncia não poderá haver comunhão de vida. Sem renúncia não poderá haver amor.

O comportamento e as atitudes cotidianas dos dois poderão construir ou destruir a comunhão e o amor. A comunhão de vida deve ser sempre, no matrimônio, ponto de chegada e de partida. O dinamismo do amor é que dará a força necessária para reconstruí-lo, modificá-lo e refazê-lo.

SEMELHANÇA E DIVERSIDADE

A semelhança e a diversidade são fundamentais para os sexos, a fim de que o grupo conjugal seja vivo, dinâmico, criador, voltado para projetos que o ultrapassam.

A diversidade se inscreve numa se-

melhança, o que permite que o grupo conjugal seja um grupo verdadeiramente humano e não apenas biológico.

A semelhança entre os sexos nos chega pela revelação bíblica. Não é uma conquista dos povos, pois o que aparece no processo histórico é antes a diversidade, a adversidade.

O homem sempre procurou dominar a natureza.

Diante da mulher, um ser humano diferente de si, o homem a tornou natureza e desejou dominá-la, igualmente.

Mas o relato bíblico corrige essa perspectiva, acentuando a **imagem** e **semelhança**. É essa semelhança que transforma a diversidade em riqueza, em fermento de amor.

A linha-força da semelhança é regida pela amizade, pela solidariedade, pelo amor que "desculpa tudo, crê em tudo, espera, suporta e se alegra com a verdade".

A diversidade de dois sexos diferentes leva o homem e a mulher a procurarem transformar-se mutuamente, até que brote o encontro verídico que termina com o individualismo e realiza a unidade.

As maneiras diferentes de ver, de reagir, de encarar os fatos e os acontecimentos, os choques decorrentes dessas diferenças, exigem sacrifício.

O encontro verídico entre homem e mulher é um **acordo discordante**. O outro resiste porque é real, livre, imprevisível, inconfundível.

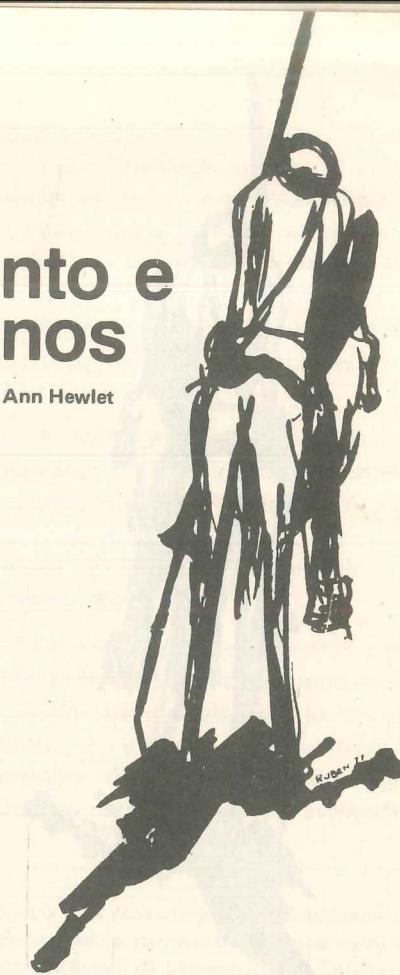
A comunhão se realizará quando semelhança e diversidade se conjugarem em vez de se prejudicarem.

E essa comunhão se fará pelo diálogo do olhar, da linguagem, dos sentimentos, da ação, que leva à descoberta profunda da pessoa do outro e da sua psicologia.

UMA ODIOSA CONTRADIÇÃO

desenvolvimento e direitos humanos

Sylvia Ann Hewlet



"Capitalismo é a crença extraordinária em que o pior dos homens, pelo pior dos motivos, por alguma razão trabalhará em proveito de todos nós".

John Maynard Keynes

O debate público sobre a questão dos direitos humanos no Terceiro Mundo tem gerado mais calor do que luz, porque não leva em consideração os elevados custos econômicos de programas políticos mais humanos. Não existe afinidade natural entre crescimento capitalista, liberdade política e justiça social. No mundo subdesenvolvido contemporâneo, repressão e pobreza tornaram-se partes integrais e essenciais das predominantes estratégias de crescimento.

Parte da explicação se encontra na origem do crescimento do mundo moderno. Na maioria das nações subde-

senvolvidas, estruturas elitistas de poder herdadas de uma era colonial promoveram a rápida industrialização por meio de empresas multinacionais que tanto empregam quanto vendem a um grupo privilegiado da população.

Empregando grandes capitais e pouca gente fabricando mercadorias sofisticadas para um mercado de élite, as multinacionais produzem "exuberantes" taxas de crescimento econômico mas também consolidam e exacerbam as desigualdades do período colonial. O resultado é um "círculo vicioso de riqueza" que funciona entre os 25% de pessoas mais ricas da população;



essa dinâmica deixa de lado completamente, a grande massa da população que continua em estado de miserável pobreza.

Mas, em pequenos mercados fortemente protegidos, a industrialização por meio de multinacionais é um negócio que sai muito caro. As empresas operam com margens de lucro acima do normal, abaixo da plena capacidade, em meio à escassez de mão-de-obra especializada e produtos industriais básicos — e isto provoca problemas inflacionários crônicos que os Governos

40

vão acabar resolvendo, afinal, por meio de políticas rigorosas de estabilização.

O congelamento de salários dos trabalhadores e a castração dos sindicatos tornaram-se partes essenciais dos programas de controle da inflação, deteriorando-se ainda mais o bem-estar social e político das classes trabalhadoras.

Se a pobreza e a repressão são úteis às estratégias de crescimento dos países subdesenvolvidos, restam duas perguntas importantes para os analistas: quanto de sofrimento humano se precisa para quanto de crescimento? Por quanto tempo os governos têm de contemplar essas opções?

Tomemos o problema do bem-estar social. Parece haver uma faixa muito estreita de opções de política. A grande maioria dos Governos das nações capitalistas do Terceiro Mundo adota programas de desenvolvimento em que o grosso da população recebe apenas uma parte ínfima dos frutos do crescimento econômico. Na verdade, recente estudo sobre o crescimento e justiça social em 74 países em desenvolvimento revelou que a maioria do povo está em condições piores, após várias décadas de desenvolvimento econômico.

Na esfera da liberdade política e das liberdades civis, parece haver uma faixa mais ampla de opções. Alguns regimes do Terceiro Mundo são selvagem e violentamente repressivos: outros adotam versões mais brandas de governo autoritário, com violações menos flagrantes dos direitos políticos e civis.

A primeira vista, muito dos extremismos repressivos se relacionam apenas longinamente com programas de estratégia econômica — e têm muito mais a ver, por exemplo, com a psicologia doentia ou outras particularida-

des pessoais de determinado ditador.

Entretanto, não se deve exagerar a importância das personalidades e de outras peculiaridades para os sistemas políticos: repressão e crescimento capitalista aparecendo juntos é uma das mais conspícuas associações nos países subdesenvolvidos contemporâneos.

A grande maioria das nações do Terceiro Mundo que têm êxito descobriram que a recusa sistemática dos direitos políticos e civis é um instrumento essencial na sua luta pela industrialização.

A outra dimensão da questão dos custos do desenvolvimento no mundo subdesenvolvido é a longevidade desses contrapontos sociais e políticos. Muitos teóricos defendem o crescimento capitalista incontrolado, a curto prazo — a qualquer preço — na suposição de que é a única forma de conseguir um bolo maior para dividi-lo mais equitativamente no futuro.

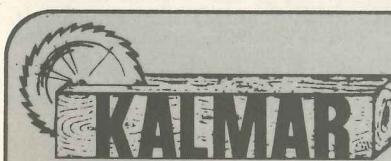
Isto suscita toda espécie de questões quanto aos impedimentos estruturais e políticos à equidade, criados pelo próprio processo de crescimento.

As condições da industrialização contemporânea simplesmente não conduzem à conquista de crescimento econômico, liberdade política e justiça social em futuro previsível. Afinal de contas, aquele "círculo vicioso da riqueza" é um fenômeno que se auto-perpetua e pode tornar a massa permanentemente dependente do processo de crescimento, como trabalhadores e como consumidores.

A manifesta ausência de direitos humanos no Terceiro Mundo contemporâneo não é arbitrária nem pura coincidência mas está funcionalmente ligada à estratégia de crescimento dessas nações.

Consequentemente, repressão e pobreza são muito mais que preferências idiossincráticas de alguns dirigentes militares, e raramente são suscetíveis a pressões de bem intencionados dirigentes das democracias avançadas.

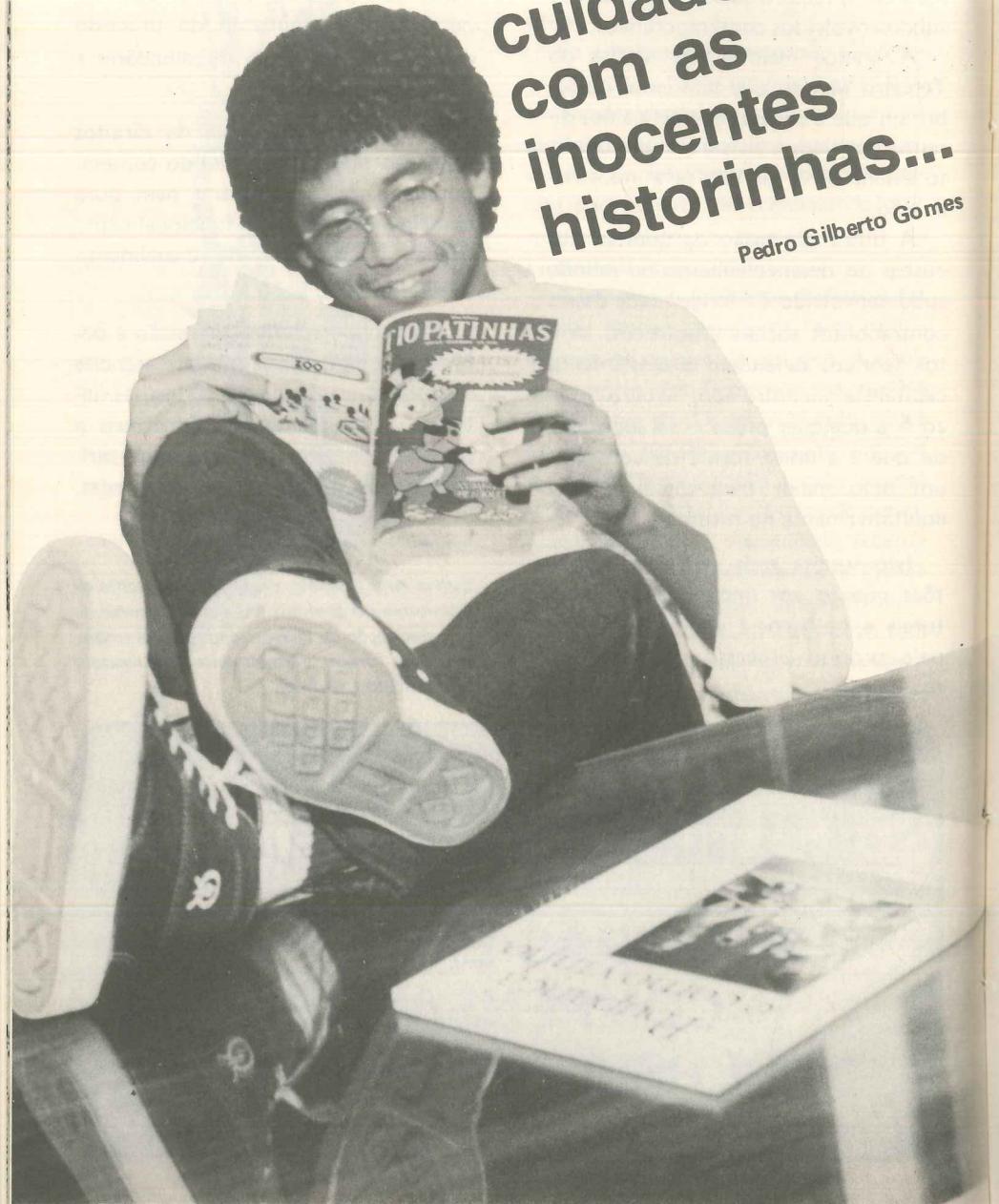
Sylvia Ann Hewlett, professora-assistente de Economia no Barnard College e no curso de pós-graduação da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, é atualmente pesquisadora no Instituto Lehrman.



**COMERCIAL
MADEIREIRA LTDA.**

**MADEIRAS EM GERAL
COMPENSADOS
PERSIANAS DE PVC**

Rua Visconde de Inhaúma, 134 - Grupos 503/04 - RJ. Fone (PABX) 233-4483



cuidado com as inocentes historinhas...

Pedro Gilberto Gomes

Sem dúvida, entre as revistas mais concorridas no consumo do leitor brasileiro, aparecem as de Walt Disney: Pato Donald, Tio Patinhas, Mickey... Desde a criança que ainda não sabe ler, mas já aprecia seus personagens, até o adolescente, o jovem e mesmo o adulto, todos parecem interessados nestes personagens.

A mãe ao passar com seu filho por uma banca de revistas, dificilmente o conseguirá sem comprar um Tio Patinhas.

Qual a ideologia que estas revistas querem inculcar?

Inconscientemente as consideradas "inofensivas" e "puras" revistas do Walt Disney assumiram um papel de "purificação" do homem moderno, suavizando a consciência dos culpados e insensibilizando a consciência daqueles que deveriam reagir contra aquilo que despersonaliza sua vida.

Pode parecer pretensão, mas creio que, de uma maneira mais sutil e subliminar, todos os personagens de Disney servem de catarse (purificação) para nossas emoções e pesos de consciência a respeito da implantação de uma ideologia capitalista, a qual, por sua própria natureza, aninha em seu bojo o germen da exploração e da despersonalização do homem.

É interessante notar que todos os personagens do citado mundo mantêm uma relação de camaradagem, onde não existe operário. Todos possuem tudo. Todos vendem e todos compram no mais perfeito comércio de um sistema de livre concorrência padrão do mundo atual. Sugestão indireta que justifica a compra dessas edições. As únicas pessoas que reivindicam algo para si são aquelas que, por modo fraudulento, procuram apropriar-se do bem alheio. Donald, seus sobrinhos, Tio Patinhas, Mickey e todos os personagens de Disney enfrentam alguém que tenta subtrair-lhes o dinheiro que, por direito, é seu. Como são marginais aqueles que contestam a posse tranquila dos bens que Tio Patinhas — por exemplo — possui, eles perdem o foro da legitimidade e sua única recompensa é a cadeia pública, prontamente aplicada. Deste modo, os detentores dos bens privados sentem-se "libertos" e "justificados" na sua posição de classe detentora de poder. Não há um grupo oprimido que clama a igualdade na posse dos recursos naturais da terra; há um bando de marginais que, por meio de falcatareas, procuram apropriar-se dos benefícios que não lhes pertencem. Uma outra realidade salta aos olhos e, também aqui, age o elemento purificador e amaciador da

consciência exploradora. É a figura do Tio Patinhas na sua luta diária para manter a sua fortuna acumulada com avidez. Em todas as histórias, Patinhas conta como lutou bravamente para acumular o seu capital e atingir o ponto em que ora se encontra: venera a sua primeira moeda — talismã precioso e cobiçado pela "Maga Patológica" — como símbolo de esforço de uma vida que, surgindo do nada, atingiu a suprema glória de pato mais rico do mundo. O milionário não perde ocasião de execrar o Donald por ele não ser econômico e previdente. Deste modo, observa o velho pato, Donald nunca vai ser nada na vida e tornar-se-á indigno de herdar (?) tão magnífica fortuna. Esta posição do Tio Patinhas confirma uma situação atual onde se considera o pobre não um injustiçado pelas conjunturas sociais, mas um marginal que, preferindo gastar o seu dinheiro em futilidades, jamais terá ocasião de subir na vida e ser alguém. Inverte-se os papéis. O réu torna-se juiz e vice-versa. A estrutura da sociedade capitalista não é culpada! Ela fornece a todos a oportunidade de subir na vida. É só fazer como o Patinhas e não imitar a imprevidência de Donald. O pobre, de juiz, passa a réu. Não julga a sociedade. É julgado por ela. Aqui, outra vez, age o elemento purificador. Todas as pessoas na sua posição. A culpa não é delas, mas do pobre que não se esforça. E, após lermos estas historietas, saímos perfeitamente convencidos da certeza da nossa opção e da validade e justiça de um sistema capitalista que amordaça e estrangula o homem contemporâneo.

E as historietas de Walt Disney, com toda a "simplicidade" e "ingenui-

dade" tornam-se hoje um dos mais importantes elementos de "purificação" de uma consciência coletiva opressora. Mais importante porque, atingindo o homem desde criança, moldam a sua consciência na teoria acima descrita. E tem mais. Ao atingir todas as classes, suaviza a consciência culpada da classe dominante, opressora e insensibiliza a consciência daqueles que deveriam acordar do seu sono passivo e reagir contra aquilo que despersonaliza a sua vida. É uma triste alienação coletiva criada pelo próprio homem. Cria-se a passividade do cordeiro que aceita tudo como se o destino assim o quisesse. Quem deseja a propriedade do outro é ladrão. Quem não aproveita as oportunidades que a vida lhe apresenta é um inútil e um marginal. Purifica a classe dominante das emoções culposas. Purifica a classe oprimida das emoções da revolta e da percepção da injustiça.

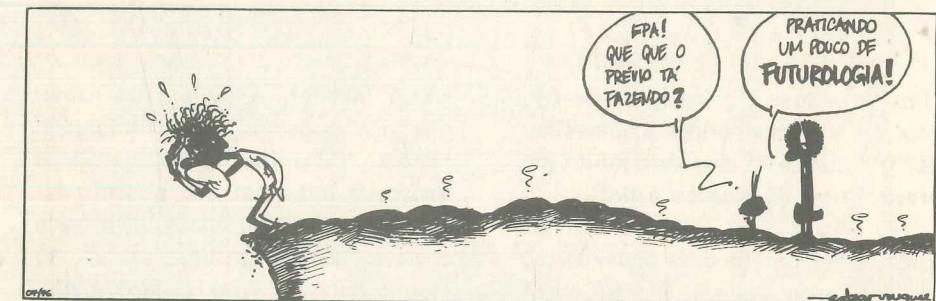
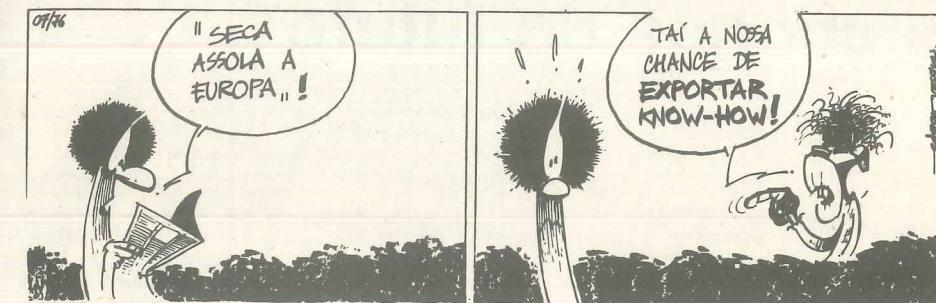
Disney, o purificador das emoções da sociedade capitalista ocidental; o propagador-mor da ideologia americana do domínio das multinacionais; o agente da passividade do terceiro mundo oprimido; o tranqüilizador das consciências opressoras do mundo contemporâneo.

O fim primordial dessas obras reduz-se, assim, a provocar no espectador a catarse de suas emoções. Purificar o homem de suas afeições desordenadas. Elemento de acomodação social. E isto é profundamente trágico!

Pedro Gilberto Gomes, cursos de Jornalismo e Teologia da Unisinos, escreve para Mundo Jovem, RS.

RANGO

edgar vasques



o choque do futuro

Trechos do livro de
Alvin Toffler — sociólogo

Uma nova doença psicológica, terrível pela sua violência, atinge a humanidade. O futuro está chegando muito depressa. Como nos adaptar a ele?

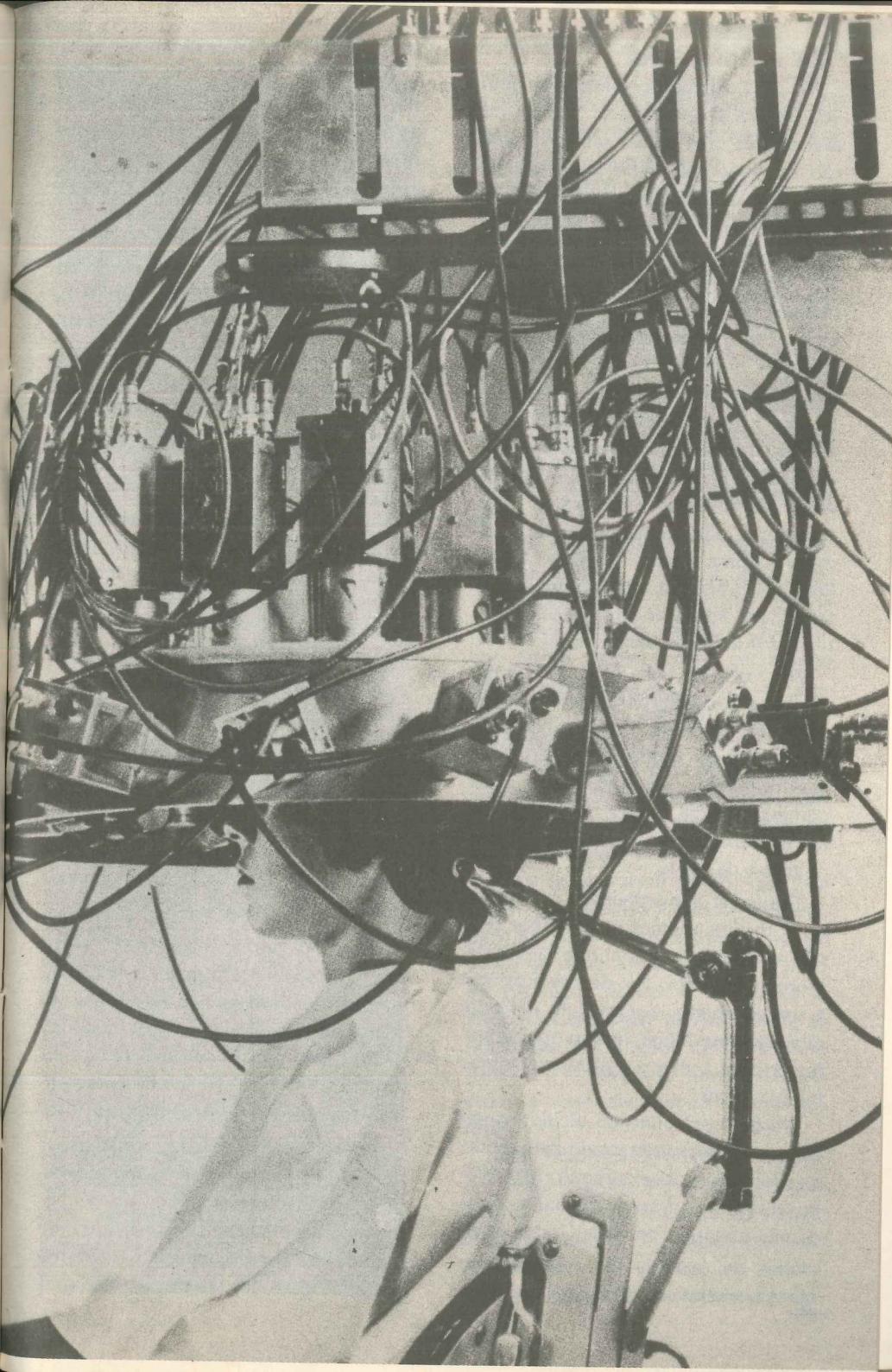
No princípio do mês de março de 1967, um rapaz de onze anos morreu de velhice no Canadá. Ricky Gallant sofria de uma doença rara, a progeria — ou senilidade precoce —, e apresentava sintomas característicos de um velho de noventa anos. Esses sintomas são a senilidade, o endurecimento das artérias, a calvície, a flacidez da pele e as rugas. Ricky era um velho no momento de morrer, porque as mudanças biológicas de toda uma vida se haviam produzido violentamente nos seus onze anos de idade.

Os casos de progeria são extremamente raros, mas podemos dizer, por metáfora, que todas as sociedades com alto nível tecnológico estão atingidas por essa doença. Não quer dizer que elas já ficaram senis; simplesmente, sofrem um ritmo de mudança superior ao normal.

Atualmente, a aceleração do pro-

gresso humano atinge um tal ritmo, que não podemos mais considerá-lo normal. As instituições tradicionais da sociedade industrial não podem mais ser represadas e o impacto disso tudo abala as nossas estruturas sociais. Ao mesmo tempo, o ritmo cada vez maior da mudança é uma força psicológica que destrói nosso equilíbrio interior e modifica nossa atitude perante a vida. A aceleração exterior provoca uma aceleração interior.

Mas, enquanto determinadas pessoas são profundamente fascinadas pelo ritmo febril do mundo moderno, e se sentem angustiadas quando ele se abrange, outras demonstram violenta repulsão. A serenidade e a procura de métodos novos para "sair do jogo" que caracterizam certos hippies (mas não todos) são talvez devidos menos à sua aversão veemente pelos valores da civilização tecnológica do que por uma vontade inconsciente de fugir a um ritmo de vida para eles intolerável. A mudança acelerada já criou o homem que se usa e joga fora.



"USE E JOGUE FORA"

O comportamento humano é ditado, em grande parte, pela atração ou aversão que uma pessoa sente em relação ao ritmo que lhe é imposto pela sociedade ou pelo grupo no qual está integrada. Na sua maioria, as observações teóricas sobre a mudança esquecem uma diferença essencial entre os homens do passado ou do presente e os do futuro. Essa diferença pode ser resumida num termo: efêmero. O efêmero, essa impressão de provisório na qual mergulha neste momento nossa vida cotidiana, manifesta-se por uma atmosfera, uma sensação de instabilidade. Certamente, os filósofos e os teólogos sempre sustentaram que o homem era uma criatura efêmera. Atualmente, contudo, o sentimento de instabilidade adquiriu uma acuidade e uma profundidade bem maiores.

No Japão de hoje, os lenços de papel são tão divulgados, que os lenços de tecido passaram a ser considerados como fora de moda, para não dizer anti-higiênicos. Na Inglaterra, pode comprar-se uma escova de dentes que já está coberta com pasta e se joga fora depois de usá-la.

Forjamos a mentalidade "de jogar fora", o que provoca entre outras coisas, modificação radical nos valores de propriedades. Em vez de nos ligarmos a um só objeto, durante um período relativamente longo, ligamo-nos durante períodos breves a uma série de objetos sucessivos.

Desde o princípio do século, os sociólogos têm-se interessado pelo modo de viver do homem urbano. Max Weber ressaltou o fato de que numa cidade não podemos conhecer todos os vizinhos de maneira tão íntima como numa pequena comunidade.

Não alimentamos mais do que relações bastante frouxas com a maioria das pessoas que nos cercam. Quer queiramos ou não, a maior parte das nossas relações definem-se em termos funcionais. Criamos a "pessoa que se usa e joga fora". O homem modular.

Hoje, várias obras sociológicas e psicológicas são consagradas à alienação que se supõe resultar desse tipo de relações esmigalhadas. Diz-se que não somos suficientemente voltados para o nosso próximo. Milhões de jovens estão à procura de um "compromisso total".

Antes de descrever os malefícios da automatização, devemos perguntar a nós mesmos se preferimos, realmente, voltar às condições de antigamente. Hoje, na medida em que o vendedor de sapatos cumpre a tarefa restrita e precisa que esperamos dele e satisfaz, assim, nossas modestas esperanças, não exigimos dele que creia no nosso deus, que a ordem reine na sua casa, que ele partilhe de nossas opiniões políticas e que goste do mesmo tipo de alimento ou de música que nós. Nós o deixamos em plena liberdade, da mesma forma que ele nos aceita ateu ou judeu, heterossexual ou homossexual, fascista ou comunista.

Hoje, o homem da cidade entra em contato com um maior número de pessoas no decorrer de uma única semana do que um camponês da época feudal durante um ano ou mesmo em toda a sua vida. O camponês alimentava relações efêmeras com outras pessoas, mas a maior parte das pessoas que ele conhecia continuavam as mesmas ao longo de toda a sua vida. O homem urbano está em contato com um núcleo de pessoas que ele frequenta durante períodos seguidos, mas, por



outro lado, entra em contato com centenas ou mesmo milhares de pessoas que não verá possivelmente mais do que uma vez ou duas, antes que elas se desfaçam no anonimato.

Num brilhante artigo sobre "A amizade, amanhã", o psicólogo Courtney Tall sugere que, numa sociedade automatizada, as pessoas adquirirão uma grande facilidade em travar relações superficiais; e elas saberão também facilmente acabar com essas amizades, ou porque vão viver noutro local ou porque se juntam a novo grupo que cultive interesses similares, ou porque passam a um grupo que se interessa por coisas diametralmente opostas.

Essa atitude de travar rapidamente ligações íntimas, e depois esquecê-las assim tão depressa, permitirá a cada indivíduo ter um número de amigos muito maior, como geralmente não é possível no presente. . . A amizade, no futuro, continuará fonte de numerosas satisfações para a maior parte das pessoas, mas aquelas amizades duradouras do passado serão substituídas por relações íntimas múltiplas e de uma duração breve.

Uma razão, entre outras, que leva a crer que a tendência para a fugacidade das relações se acentuará é o impacto da nova tecnologia no domínio do emprego. Mesmo se as pessoas se imobilizassem onde se encontram, as mudanças de trabalho continuariam a trazer um aumento do número de amizades e uma diminuição da sua duração.

Cada mudança de emprego tem como efeito acelerar o desfile de pessoas através de nossas vidas e, em consequência, diminuir a duração das nossas relações.

Atualmente, as pessoas acostu-

mam-se muito cedo a romper as ligações. Nas escolas, as crianças já fazem a primeira experiência com a renovação acelerada dos rostos que as cercam.

POBREZA X OPULÊNCIA

Habituados a pensar em termos de evolução linear, os economistas têm dificuldade em imaginar uma alternativa para o comunismo ou para o capitalismo. Para eles, o aparecimento e o crescimento das sociedades gigantes não são mais que uma consequência da burocracia à moda antiga; quanto ao progresso tecnológico, é simplesmente um prolongamento nada revolucionário daquilo que já conhecemos. Filhos de uma época de pobreza, habituados a raciocinar em função de recursos escassos, eles se afligem cedendo uma sociedade na qual as necessidades fundamentais do homem seriam satisfeitas.

Dentro de um contexto de pobreza, o homem luta para saciar as necessidades materiais elementares. Hoje, na hora em que começa o reino da opulência, a economia reorganiza-se para responder a necessidades humanas de um nível mais elevado. De um estágio, onde tudo está previsto para assegurar as satisfações materiais, passamos rapidamente a uma economia voltada para a distribuição de gratificações psíquicas. O processo de "psicologização", que é um dos temas centrais da revolução superindustrial, tem sido praticamente desconhecido para os economistas, mas é dela que nascerá uma economia nova, rica de surpresas, diferente de tudo o que o homem jamais conheceu.

Os problemas que ela levantará farão do grande conflito do século XX, 50

entre o capitalismo e o comunismo, uma batalha relativamente insignificante. Porque esses problemas se erguem muito acima dos dogmas econômicos e políticos e põem em causa nada menos que a saúde mental.

Essa revolução pode ser retardada. É bem provável que as massas miseráveis do mundo inteiro protestem contra os privilégios que levarão ao sibaritismo psicológico. Há qualquer coisa de moralmente repugnante em que um grupo procure saciar todos os seus caprichos psicológicos na procura de prazeres inéditos e etéreos, quando a maior parte da humanidade morre de fome e de miséria. As sociedades tecnologicamente avançadas poderiam adiar o advento da economia de experiência e prosseguir pelo caminho convencional durante algum tempo ainda, desenvolvendo ao máximo a produção tradicional e consagrando seus recursos em campanhas maciças contra a pobreza e de ajuda aos países estrangeiros.

Essa tentativa nos daria tempo de examinar as repercussões filosóficas e psicológicas da produção de experiências. Se os consumidores, um dia, não puderem mais fazer uma notória distinção entre o real e o simulado, então seremos enfiados num vespeiro de problemas de uma complexidade assustadora. Esses problemas ceifarão nossas crenças mais queridas sobre a democracia e a economia e, com elas, nossas concepções seculares quanto à própria natureza da racionalidade e da saúde mental.

Um dos grandes dilemas não formulados no nosso tempo trata da relação entre as experiências artificiais e as experiências autênticas da vida humana. Nenhuma geração anterior vi-

veu a décima parte das experiências artificiais que dispensamos generosamente a nós mesmos e às nossas crianças, e ninguém no mundo tem a menor idéia das consequências que essa transformação terá sobre a personalidade.

O CHOQUE DO FUTURO

Hoje, criamos para nós mesmos um estilo de vida próprio a partir de um conjunto de elementos. Quando a sociedade encaminha um indivíduo, através de um verdadeiro turbilhão de possibilidades, aparentemente desprovido de coordenação, as escolhas não são deixadas ao acaso. Existe certa continuidade, a procura de um estilo pessoal em nossas ações, quer sejamos conscientes disso ou não.

Raramente temos consciência do momento em que optamos por um estilo de vida. O pesquisador científico, que troca os cigarros pelo cachimbo, faz isso talvez por razões de saúde, mas sem reconhecer que o cachimbo faz parte de todo um estilo de vida, para o qual ele se sente atraído. O estilo de vida é o meio pelo qual nos exprimimos a nós mesmos. É o meio de fazer saber ao mundo a que grupo, no singular ou no plural, pertencemos. Mas isso não explica, longe disso, a importância que lhe damos. A verdadeira razão pela qual o estilo de vida é tão carregado de sentido para nós — e cada vez mais à medida que a sociedade se diversifica — é que a escolha de um modelo representa uma batalha essencial na luta que cada um trava contra as pressões esmagadoras da hiperescolha.

Escolhendo um estilo de vida, excluímos de nosso campo de investigações um grande número de alternativas.

Enquanto a era superindustrial che-

ga a grandes passos, o homem adota e rejeita os estilos de vida a um ritmo que faria dar vertigens às gerações precedentes. Porque o estilo de vida se tornou também um artigo "de jogar fora".

A nova sociedade oferece poucas raízes, no sentido de ligações verdadeiramente duráveis. Contudo, ela oferece mais células onde viver, mais liberdade para se integrar a essas células e delas sair, e mais facilidades para criar sua própria célula. Essa sociedade lança igualmente ao indivíduo um desafio que exige domínio de si mesmo e inteligência. Para aqueles que possuem essas duas qualidades, e que fazem o esforço necessário para compreenderem as estruturas da sociedade superindustrial, nascentes, para aqueles que encontram o "bom" ritmo da vida e os "bons" tipos de estilo de vida, o triunfo é maravilhoso.

Uma sociedade que se desintegra a um ritmo rápido, quanto aos valores e estilos de vida, exige bases completamente novas para se reconstituir. Mas ainda não encontramos essas bases. Conhecemos ainda numerosos problemas de integração social e devemos enfrentar já problemas bem mais graves que o de integração individual. A multiplicação dos estilos de vida é um desafio ao nosso equilíbrio pessoal. Qual dos nossos "eus" potenciais escolher? Como, em resumo, decidir perante essa hiperescolha? Em toda essa nossa corrida desvairada, a caminho da liberdade de escolha, ainda não examinamos as terríveis implicações da diversidade.

E, portanto, como a diversidade se liga ao "efêmero" e à novidade, lançamos a sociedade numa crise histórica de adaptação. E essa crise é o choque do futuro.

ESTE TEXTO PODE SERVIR DE ROTEIRO PARA UM SOCIODRAMA DE MOTIVAÇÃO PARA DEBATES COM PAIS.

joão e maria



João e Maria vão se casar um dia. É claro que eles ainda não sabem disso. . . Afinal de contas, aos quatro anos de idade, parece que é cedo para pensarem nestas manias de gente grande! Mesmo assim já estão começando a se preparar para a sua vida sexual.

João, por exemplo, já percebeu que é diferente das meninas.

Aliás, no dia em que ele estava se certificando da sua descoberta, sua mãe resolveu iniciar sua "educação sexual":

— "Joãozinho! Se eu te pego outra vez mexendo nessas partes feias, te ponho de castigo e conto ao teu pai.

52

Você é um menino mau. Só faz o que não deve!"

Assim Joãozinho fica logo sabendo que certas partes de seu corpo são feias...

Mariazinha não fica atrás. Está aprendendo também, com sua mãe, algumas coisas bem importantes:

— "Minha filha: não deixe nunca os meninos botarem a mão em você. É melhor você só brincar com meninas. Os meninos são muito atrevidos e gostam de fazer coisas feias com as meninas".

E pronto: Mariazinha já sabe ago-

ra que deve olhar o bicho-homem com desconfiança.

Por seu lado, o Joãozinho é muito vivo mesmo.

Sua mãe tem que ser vigilante e as vezes muito severa:

— "Você vai ver, seu moleque! Vendo as meninas se vestirem. Seu sem-vergonha! Vou contar ao seu pai. Que é que você tem nessa cabeça?"

Viu João? Você não pode ser tão curioso!

As freiras do colégio de Mariazinha, por um zelo todo especial, iniciam logo suas alunas nas "verdades eternas", que são "muito claras" em matéria de sexo. E assim Mariazinha fica logo sabendo que os pecados do sexo são terríveis:

— "Minhas filhas: Esse é o pecado que mais leva homens ao inferno. Deus sempre condenou a luxúria em todos os tempos. Não se exponham nunca aos riscos desse pecado. Sejam modestas no vestir. Não usem essas modas que provocam os rapazes. Defendam-se do assédio dos homens que são carnais e só pensam no prazer. O sexo é o grande mal do nosso tempo".

Enquanto isso, o Joãozinho está avançando nos mistérios do sexo, embalado do lampião da esquina.

Seu mestre tem 13 anos bem vividos. E uma tremenda experiência. . .

— "Ela me deu bola. Riu pra mim. Tá pensando que eu bobeei? Vê se eu tenho cara de trouxa. Fui atrás dela e mandei aquele papo firme. O resto eu nem sei se conto pra vocês".

No colégio, João tenta esclarecer suas dúvidas e conferir as informações de seus colegas mais velhos, que tanta curiosidade lhe causam; mas o professor é muito prudente nessas coisas:

— "Não. Essa parte só vamos ver

quando vocês tiverem mais idade. Nessa idade vocês não deviam se preocupar com essas coisas! Só pensam em bobagens! Vamos mudar de assunto?"

Então muda-se de assunto e o João continua crescendo.

Seus pais desempenham, nessa fase, um papel muito importante:

— "Manda brasa, meu filho. Um homem é um homem. Trata de aproveitar a vida enquanto é tempo. Quando eu tinha a sua idade, era um leão. As guriás que se cuidassem. . .".

Com tão convincente incentivo João não perde tempo. As meninas que se cuidem! Vai acumulando experiências. . .

. . . às vezes improvisadas ou cuidadosamente programadas, com mulheres muito experimentadas, que sabem cativá-lo exaltando sua capacidade e prática sexual.

— "Você é bárbaro, bonitão! Onde arranjou essa experiência toda? Nenhuma mulher vai resistir nunca a você. Faz tempo que eu não encontrava um cara machão assim!"

O fato de a experiência ser toda dela não vem muito ao caso. . . Assim é certo que ele voltará outras vezes. É preciso garantir o mercado. . .

E para acentuar essa exaltação de irresistível amante, não faltam os apelos da propaganda.

— "Não se assuste se as mulheres avançarem sobre você. Aproveite o efeito irresistível da LAVANDA DE EROS sobre as mulheres. A LAVANDA DE EROS multiplica por mil o seu charme natural, acentuando a sua masculinidade. Não perca tempo".

E assim, João não perde tempo e vai se tornando um jovem muito experiente. Mas falta um toque final! É preciso entender a psicologia feminina. . . Para isso, não faltam professores mui-

53

to entendidos no assunto. O Mário, por exemplo é um verdadeiro psicólogo:

"A mulher gosta de ser maltratada. É assim que ela fica gamada e você faz o que quiser com ela. Você tem que ser grosso. Trate a mulher sempre como uma coisa, um objeto sexual. É disso que ela gosta. Tenho dez anos de vantagem sobre você nessas coisas. Vai por mim, Janjão!"

Então, o João se torna, enfim, um catedrático de sexo e mulheres. Esperito, cativante irresistível, conquistador, macho hábil e dominador.

Mariazinha, por seu lado, vai fazendo novas conquistas. Um dia, por exemplo...

"Oh, que horror! Tão novinha aínda, coitada! Minha filhinha, não tenha medo! Vou lhe explicar tudo. É que você agora está ficando uma mocinha, sabe? Essa coisa vai acontecer todos os meses, mas não tenha medo. E agora você vai ter que tomar mais cuidado ainda com os meninos, sabe? É um pouco difícil explicar isso, mas aos poucos você vai saber de tudo. E não conte a ninguém, viu? Às vezes você vai sentir cólicas e enjôo. Mas não se preocupe. É assim mesmo, sabe?"

Assim, Mariazinha fica sabendo que as mulheres estão sujeitas ao terrível fenômeno da menstruação e espera maiores esclarecimentos da mãe, que, na verdade, fará tudo para se esquivar de detalhes que a embargam.

"Vamos mudar de assunto? Agora é essa mania. Todo mundo só pensa em sexo. Será que não há coisas mais importantes? Eu não tive que aprender nada e estou aqui: casada e mãe. Quando você estiver casada vai saber tudo. Antes não é preciso. Quanto menos se falar, melhor! Parece uma obsessão!"

Mas, às vezes, a mãe de Mariazinha

resolve abordar o tema proibido e as coisas vão ficando mais claras para ela:

— "Aquela sem vergonha da Ana não entra mais nesta casa. Sai de carro com qualquer rapaz e volta na hora que quer. Um dia aparece de barriga e aí é que eu quero ver o que a mãe dela vai fazer!"

Ah! Talvez não fosse o melhor processo, mas agora, Mariazinha fica sabendo que há uma estreita ligação entre certas intimidades com rapazes... e o diâmetro de sua barriga. E fica um pouco assustada. Num dia de mágoa por uma pequena ingratidão, a mãe de Maria despeja o resto:

— "Quando você tiver um filho é, que vai dar valor à sua mãe! Você passa nove meses com o filho no ventre, sofrendo de enjôos e cólicas violentas. Depois as dores terríveis do parto. Você se arrebenta toda. E no fim, o filho não liga para você. Sua hora há de chegar um dia!..."

Maria fica sabendo que a gravidez é o pior que lhe pode acontecer na vida. Uma assustadora mistura de vergonha e dores insuportáveis! Ah! Mas há sempre a amiga que desfaz um pouco o tabu, e lhe apresenta curiosos e interessantes conceitos de virgindade e uma visão muito prática dessas coisas:

— "Você está fora do contexto, querida! Não sabe o que está perdendo. Os rapazes são tão gozados. É claro que eu tenho cuidado. É preciso garantir a virgindade pois para casar, depois, eles dão muito valor a isso. Mas o resto, minha cara, vale tudo!"

Maria é levada pela experiência e espírito prático da amiga e tenta vencer os preconceitos que se acumulam no seu subconsciente. E um dia se vê envolvida por conflitos de consciência que a deixarão abalada:

— "Ele abusou de mim. Eu me deixei

levar pela emoção do momento e senti um prazer violento que me deixou chocada. Há dois dias que eu choro sem parar. Ajude-me, padre!"

Talvez pela primeira vez alguém lhe esteja mostrando que o sexo é um dom de Deus e que a prática sexual é uma expressão de amor que só tem sentido se esse amor é adulto, assumido de modo responsável, por pessoas plenamente livres e conscientes. Justamente o contrário ela vai ouvir do professor do curso de educação sexual que está sendo realizado no seu colégio.

— "Fazem tanto mistério em torno do sexo, mas tudo não passa de uma atividade fisiológica como outra qualquer. O ato sexual é uma simples descarga de espermatozoides, que o homem deposita na mulher e que poderá fecundá-la desde que..."

E assim a vida continua...

Então um dia, João descobre Maria e Maria descobre João! O amor é uma descoberta empolgante. Parece que nasceram um para o outro.

Quando menos se espera, estão no altar, transbordando alegria e um tanto ansiosos pela felicidade que os espera.

Bolo, champanhe, amigos, abraços, votos de felicidades, piadas de mal gosto, lágrimas maternas em cascata, conselhos de última hora ao pé do ouvido, e... lula-de-mel!!!

Que houve? Parece que comeram uma laranja azeda... Isso é cara de lula-de-mel?... Parece que as coisas não vão bem... Hum! é fácil adivinhar-lhes os pensamentos:

— "Nossos sexos não combinam! Ela parece que tem medo de mim!"

— "Não era o que eu esperava! Como ele se mostrou diferente!"

QUE TERÁ ACONTECIDO A
JOÃO E MARIA?

Cabelos brancos, branca missão

— Vovô, por que você nunca vai ao fundo do quintal? Lá é tão repousante: o repuxo, a avenca, o coaxo dos sapos no lago, o canto do sanhaço na carnaubeira e tantos outros pedacinhos do Divino Artista...

— Netinha querida, vou revelar-te um segredo de família. Naquele local eu construí, no passado, um quarto com grades e nele viveu o teu tio Ambrósio, que faleceu antes de nasceres. Cometeu o crime de ter nascido Excepcional e esse era o procedimento daquela época. Mais tarde comprehendi a extensão da minha ignorância e procurei redimir-me, transformando aquele local em verdadeiro altar da liberdade. É o que vês hoje:

- chafariz que se desfaz em gotas, dividindo a luz solar em matizes deslumbrantes, amenizando o calor diurno ou descendendo os pássaros, simboliza as lágrimas do teu desventurado tio;
- coaxo dos sapos, são os soluços cansados de quem passou o dia queixando-se em vão;
- amplo tapete verde que cobre o chão, tão amigo do Sol, substituiu o acanhado piso do cubículo, frio e escuro;
- o canto do sanhaço... o canto do sanhaço...

— Vovô não se martirize. Já comprehendi que ainda não conquistou a redenção, mas há tempo. Você ainda tem alguns cabelos negros para serem tingidos de branco na preocupação de ajudar a Excepcionais, filhos de outros pais.

Quem tem filho Excepcional, deve ajudar às Associações que os assiste por dever de consciência e quem não o tem, deve igualmente ajudá-las, como agradecimento a Deus. O GRÉMIO SORRISO é um altar de liberdade para os Excepcionais. Ajude-o.

TRAV. SERAFIM, 12 — PEDRA DE GUARATIBA (SEDE PRÓPRIA). INFORMAÇÕES: 263-9012.

R. PINTO MATERIAIS DE ELETRO-
CIDADE

Rua General Caldwell, 173 — 263-9012
(PABX) — Rio de Janeiro — RJ.

que igreja?

Paulo Freire

TRÊS MODELOS DE IGREJA

Começo por uma afirmação que é quase uma evidência: não podemos falar da Igreja como se se tratasse de uma entidade abstrata. As Igrejas existem como instituições envolvidas na história e é, portanto, historicamente que as podemos analisar.

Pretender defender a neutralidade histórica e política da Igreja, atribuindo-lhe o máximo de estabilidade possível no conjunto das forças sociais, é castrá-la da sua dimensão profética, cujo testemunho é a transformação radical e não o temor à mudança ou o medo de se perder num futuro incerto.

Na realidade, porém, uma Igreja que recusa a sua inserção na história nem por isso deixa de estar nela inserida. Os que negam o caráter histórico da Igreja contradizem-se na prática, porque se situam automaticamente do lado das forças de opressão e da conservação. Por outro lado, ao pre-

tender evitar o risco implícito no futuro desconhecido, a Igreja deixa de pôr em prática a sua missão de denúncia de um mundo injusto e de anúncio de um mundo mais justo, a construir pela praxis histórico-social dos oprimidos. Perde, assim, a sua capacidade de ser utópica, profética, portadora de esperança. E ao privar-se da sua visão profética, tende a formalizar-se em rituais burocráticos, onde a esperança, sem relação com o futuro, é mera abstração alienada e alienante.

Em vez de ser um estímulo ao caminhante, torna-se um convite à estabilidade. No fundo, é uma Igreja que "morre de frio", sem condições para responder aos anseios de uma juventude inquieta e utópica, desafiada pela dramaticidade de sua história.

Ao tentar analisar as várias expressões da Igreja em países de tradição católica, partimos, pois, da constatação de que, quaisquer que sejam as suas posições, elas nunca são politicamente neutras. Por detrás de um todo

aparentemente unificado e coerente, existem, de fato, diferentes igrejas, que representam diferentes opções políticas e ideológicas. É o perfil dessas diferentes igrejas que aqui nos propomos analisar.

UMA IGREJA TRADICIONALISTA

A Igreja tradicionalista é ainda, em larga medida, uma Igreja profundamente colonial. É uma Igreja missionária, no pior sentido da palavra: conquistadora de almas, necrofílica, comprazendo-se em falar de ameaças de fogo eterno, de perdição sem resgate. O mundo é o "vale de lágrimas" onde os seres humanos têm de pagar os seus pecados. O trabalho não é a ação transformadora dos homens e das mulheres sobre o mundo; é a pena que pagam por serem humanos e o preço exigido para alcançarem o céu.

Esta linha tradicionalista, não importa se protestante se católica, constitui aquilo a que o sociólogo suíço Christian Lalive chama "o refúgio das massas". É que uma tal posição frente ao mundo satisfaz a impotência da consciência fatalista e medrosa dos oprimidos, num certo momento da sua experiência histórica. Nela encontram uma espécie de bálsamo para o seu cansaço existencial.

Assim, quanto mais imersa na cultura do silêncio estiverem as classes oprimidas e quanto maior for a violência das classes opressoras, tanto mais aquelas classes tendem a refugiar-se em tais igrejas. Mergulhadas na cultura do silêncio, onde a única voz a ser ouvida é a voz das classes dominantes, as massas populares encontram neste tipo de Igreja uma espécie de útero no qual se defendem da agressividade da sociedade. Por outro lado, ao desprezarem o mundo — enquanto mundo do pecado,

do, do vício e da impureza — estão, em certo sentido, a vingar-se dos seus oressores, que são os donos desse mundo. Proibidas de dizer a sua palavra enquanto classe social subordinada, adquirem na Igreja-refúgio a ilusão de que as súplicas de salvação que proferem são a sua voz genuína e real.

Nada disto altera, porém, a sua situação concreta de oprimidos. A catarse eclesial não faz senão aliená-los cada vez mais. Ao negar o valor do mundo, estão a tentar uma empresa impossível, que é chegar à transcendência sem passar pela mundanidade. Querem a meta-história sem experimentar a história; querem a salvação sem a libertação. A dor da dominação que sofrem fá-los aceitar esta anestesia histórica, na esperança de que ela os fortaleça na luta contra o pecado e o demônio, deixando intactas as causas reais da opressão. Não conseguem, assim, vislumbrar, para além das situações concretas em que estão imersos, o inédito viável, o futuro possível, como tarefa de libertação que têm de criar.

Este tipo tradicionalista de Igreja corresponde às sociedades atrasadas, fechadas, com um mínimo de mercado interno, exportadoras de matérias-primas, sociedades preponderantemente agrícolas, onde a cultura do silêncio é a constatação fundamental. Mas não é só nessas sociedades que o tradicionalismo religioso se encontra. Mesmo em pleno processo de modernização persistem, em muitos casos — e não só nos campos mas também nas cidades — estruturas sociais e eclesiásicas arcaicas, que dificilmente se deixam vencer.

Só uma mudança qualitativa da consciência popular pode superar de-

finitivamente a necessidade da Igreja como "refúgio das massas". E esta mudança qualitativa não é mecânica nem automática. A modernização tecnológica não traz consigo, necessariamente, a criticização das massas populares, visto que, não sendo neutra, depende da ideologia que a domina.

PASSAGEM À MODERNIDADE

Evoluindo desta perspectiva tradicionalista, uma nova posição vai sendo assumida por algumas Igrejas.

Esta nova posição insere-se na superação das estruturas tradicionais por estruturas modernizantes. As massas populares, antes preponderantemente imersas no processo histórico, iniciam a sua emersão, como resposta necessária ao processo de industrialização.

Como não podia deixar de ser, são as classes dominantes que vão provocar e controlar a mudança. Por um lado, os interesses imperialistas tornam-se cada vez mais agressivos, expressando-se através de múltiplas formas de penetração e de controle das sociedades dependentes. Por outro lado, a ênfase no processo da industrialização dá origem a uma ideologia do desenvolvimento, de caráter nacionalista, que, entre outras teses, defende o pacto entre as burguesias nacionais e o proletariado emergente. No contexto desta ideologia, a noção e prática do planejamento ganham direito de cidadão, o que faz com que se multiplique, a nível nacional e internacional, os institutos e comissões de apoio ao desenvolvimento econômico e social.

Nada disto, porém, é obra do acaso ou de meros caprichos humanitários. O que está em causa são, mais uma vez, os interesses econômicos imperialistas que, por necessidade de ex-

pansão do seu mercado, forçam as próprias elites nacionais a procurar caminhos de superação das estruturas arcaicas que as dominavam.

Com este processo reformista, a que sloganizado se tem chamado "processo de desenvolvimento", não se pretende porém, pôr em questão os pontos centrais das relações entre a sociedade matriz e as sociedades dependentes. Fala-se de desenvolvimento, mas persiste a dependência política, econômica e cultural. O verdadeiro desenvolvimento dessas sociedades só se dará quando for resolvida a sua contradição fundamental: quando o ponto de decisão da sua transformação deixar de estar fora do país ou nas mãos de uma elite burguesa, para passar a estar nas mãos das massas populares oprimidas.

O caráter imperialista da expansão industrial não deixa, porém, de produzir, nas sociedades dependentes rápidas e importantes transformações na ordem política e social. O processo de transição vai dar origem à presença contraditória no seio dessas sociedades de um proletariado tradicional e de um proletariado modernizante, de uma classe média tradicional e de uma pequena burguesia técnico-profissional; de uma educação de tipo acadêmico e barroco e de uma educação de tipo funcional; de uma Igreja conservadora e tradicional e de uma Igreja aberta à mudança e à modernidade.

O MODELO MODERNIZANTE

Condicionada pela crescente eficácia das estruturas sociais, a Igreja modernizante caracteriza-se pela preocupação de uma maior rentabilidade nas suas atividades sociais e pastorais. Substitui os seus meios de ação, empíricos, por meios técnicos e burocráti-

cos. Transforma as suas instituições tradicionais de caridade em "centros comunitários" orientados por técnicos de serviço social. Converte os homens e as mulheres que anteriormente eram conhecidos pelos seus próprios nomes, em fichários bem catalogados e bem classificados...

Não se trata de criticar as igrejas por procurarem modernizar e aperfeiçoar os seus instrumentos de trabalho. O que é grave e merece ser seriamente analisado é a opção política que condiciona este processo de modernização. Tal como as igrejas tradicionalistas — de que não são afinal senão uma nova versão — as igrejas modernizantes não estão fundamentalmente comprometidas com os oprimidos, mas com a elite no poder. As primeiras alienam as classes sociais oprimidas fazendo-as olhar o mundo como um mal. As segundas alienam-nas de outro modo: através da defesa de reformas que mantêm o status.

É por isso que defendem transformações parcelares e não uma transformação radical das estruturas; é por isso que falam da humanização do capitalismo e não da sua supressão. Ao reduzirem, porém, expressões como "humanismo" e "humanização" a categorias abstratas, esvaziam esses conceitos de qualquer conteúdo. Convertem-nos em slogans ao serviço das forças reacionárias. Na verdade, não há humanização sem libertação, como não há libertação sem transformação revolucionária das sociedades de classes. Numa sociedade classista a verdadeira humanização não é possível, como não é possível a libertação real sem que a sociedade seja alterada nos seus fundamentos estruturais.

No fundo, a linguagem das igrejas modernizantes esconde as verdadeiras

realidades em vez de as revelar. Fala de pobres e dos menos favorecidos em vez de falar dos oprimidos. Coloca no mesmo nível as alienações da classe dominante e da classe dominada, em vez de reconhecer o antagonismo fundamental que existe entre elas.

Na realidade, se é verdade que o sistema aliena todos os homens, é também verdade que aliena cada classe social de uma maneira diferente. Os que dominam são alienados na medida em que sacrificam o ser a um falso ter, deixando-se drogar pelo dinheiro e pelo poder, os dominados são alienados pela sua impossibilidade de ter e de poder, que acaba por vir castrá-los do seu próprio ser.

Na lógica do sistema de classes, as classes dominantes impedem a classe dominada de ser. E nesse processo, a própria classe dominante é destituída da sua capacidade de ser. Trata-se de um círculo vicioso que a classe dominante, enquanto tal, não poderá romper. Só os oprimidos poderão realizar a tarefa histórica de devolver ao conjunto da sociedade uma nova possibilidade de ser.

Na medida em que se preocupam sobretudo com mudanças periféricas em que fazem o jogo das políticas neo-capitalistas, as igrejas modernizantes dão a impressão de se estarem a mover quando, afinal, permanecem paradas. Cram a ilusão de que avançam, mas estabilizam-se cada vez mais. É como se revivessem hoje a tentação dos apóstolos depois da transfiguração: "Por que não ficamos aqui, Senhor? Está-se tão bem neste lugar...".

UMA IGREJA PROFÉTICA

Finalmente, há ainda um outro mo-

do de ser Igreja. É uma Igreja com uma longa história, sem ser tradicional; nova, sem ser modernizante. Atacada tanto pelas estruturas eclesiás como pela elite no poder, esta Igreja utópica, profética e cheia de esperança rejeita todas as formas de bem-fazer, e de reformismo paliativo para se comprometer com as classes dominadas numa mudança radical da sociedade.

Em contraste com os termos atrás referidos, a Igreja profética recusa todas as forças estáticas de pensamento, pois só no devir encontra condições para ser. Porque é uma Igreja que pensa criticamente, ela sabe que é falso pretender considerar-se politicamente neutra, como é falso querer separar a mundanidade da transcedência, a salvação da libertação. Para ela o que conta não é dizer "eu sou", "eu sei", "eu liberto-me", "eu salvo-me", mas "nós salvamo-nos".

Os cristãos que se situam nesta perspectiva podem discordar entre si no campo das ações concretas, mas todos se identificam numa mesma opção inicial de adesão às massas oprimidas e todos procuram permanecer fiéis a essa opção fundamental. Católicos ou protestantes, padres ou leigos, todos tiveram que percorrer um longo caminho para trocarem a sua visão idealista por uma visão dialética da realidade. Foi à custa da sua própria experiência que aprenderam que a realidade é um processo cheio de contradições e não um dado estático, que os conflitos sociais não são categorias metafísicas mas expressões históricas do confronto dessas contradições. Por isso qualquer tentativa de resolver os conflitos sem tocar nas contradições que lhes deram origem, acaba por endurecer o próprio conflito, ao mes-

mo tempo que fortalece a classe dominante.

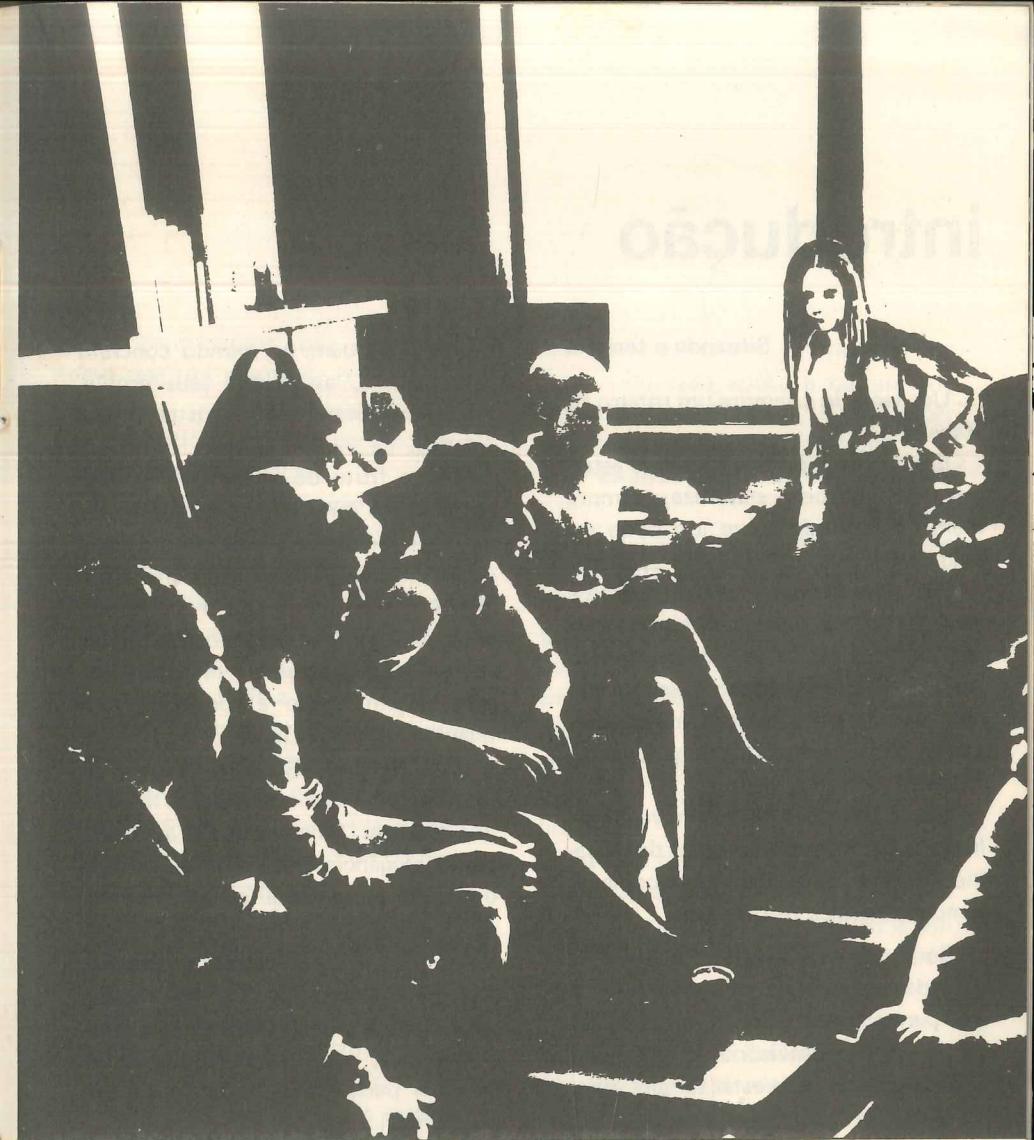
A posição profética exige uma análise crítica das estruturas sociais onde o conflito se processa. Isso significa que ela requer de todos os seus adeptos conhecimentos sérios de caráter sócio-político, que permitam fazer uma escolha ideológica consciente. Não se trata de fugir para um mundo de sonhos inatingíveis. Trata-se de procurar um conhecimento científico do mundo, tal qual ele é.

Denunciar a realidade presente e anunciar a sua transformação em algo radicalmente novo é uma tarefa que só pode ser realizada com a participação das classes oprimidas. Sem elas, a denúncia e o anúncio não podem ser levados até ao fim. Só a esperança e a utopia nascidas da praxis libertadora dos oprimidos poderão introduzir na sociedade a visão profética que a há-de dinamizar. Sem essa visão a sociedade estagna e deixa de ser revolucionária.

Assim, nenhuma Igreja pode torna-se profética, enquanto permanecer "refúgio das massas" ou "agente de modernização e conservação". A Igreja profética não é um abrigo para os oprimidos. Pelo contrário, convida-os a um novo e permanente êxodo.

Tal como o próprio Cristo — cuja vida pôs em questão todas as formas de imobilismo e conservadorismo.

A Igreja profética aceita morrer para poder renascer, escolhe "tornar-se" para poder ser, vive, em cada momento, a tensão dramática entre o passado e o futuro, entre ficar e partir, entre a Palavra e o silêncio castrador.



Roteiro para reunião

FATO E RAZÃO inicia, neste número, a publicação de um temário para reuniões de grupos ou equipes de casais, seguindo um roteiro inédito e fascinante.

Esta sequência, didaticamente ordenada, tem uma força pedagógica capaz de cativar muitos grupos que vivem este tipo de experiência de estudo e reflexão.

Sua publicação, em números consecutivos desta revista será feita em três partes, correspondentes às três unidades que o compõem.

introdução

Situando o temário

Um temário é sempre um roteiro de trabalho.

E um roteiro de trabalho deve estar, por sua própria natureza, sempre atento à situação sobre a qual se vai trabalhar.

Daí a necessidade de sua revisão e atualização constante, sobretudo hoje, quando as situações se modificam com rapidez. É, por isso mesmo, inconveniente (e diríamos mesmo impossível) tentar apenas remendar temários mais antigos.

Novas situações exigem novas focalizações e novos instrumentos de trabalho. O que não significa recomeçar sempre da estaca zero.

Como diz a *Gaudium et Spes*, é verdade que existem coisas ou realidades permanentes e imutáveis e coisas ou realidades provisórias e mutáveis. E que o cristão deve estar sempre atento para distinguir umas e outras. Ele deve portanto ser capaz de analisar e criticar os fatos e acontecimentos (realidade provisória) com consciência crítica, situando-os diante da Palavra de Deus que nos revela seu plano de salvação.

Procuramos enfocar essa reflexão a partir da problemática familiar. Mas não nos limitaremos exclusivamente a ela.

Procuramos também deixar claro que, como realidade terrestre, as fa-

mílias se situam no mundo concreto dos homens, assumindo seus problemas, seus riscos, suas angústias e suas alegrias.

Como fruto do sacramento do matrimônio as famílias são componentes do povo de Deus, tendo, dentro dele, como dentro da sociedade civil, funções ou missões específicas que variam de acordo com as necessidades impostas pelos processos de evolução por que passam, tanto a sociedade civil quanto o povo de Deus.

Este temário visa, pois, preparar as famílias para que assumam as missões que são suas, hoje — e que as assumem como exigência intrínseca da própria dimensão sacramental do matrimônio.

Dinâmica do temário

Este temário compõe-se de 15 reuniões e está dividido em 3 partes que se complementam, como círculos que abrem maiores perspectivas, a partir do círculo inicial.

As 4 primeiras reuniões tratam do inter-relacionamento pessoal como necessidade básica da pessoa humana.

As 5 reuniões seguintes mostram como esse interrelacionamento pessoal vem sendo vivido, no núcleo familiar, tomando feições novas, dentro das etapas de um processo evolutivo que está longe de terminar.

As reuniões seguintes colocam essas experiências mutáveis, provisórias, diante de valores motivadores, de certa

forma permanentes, que constituem como que um ponto de referência. E nelas, esses próprios valores são analisados e criticados ante a perspectiva e as exigências evangélicas.

As 3 etapas deste temário são interligadas por 3 dias de reflexão que chamamos de Patamares. Esses dias de reflexão procuram sintetizar a perspectiva anteriormente descoberta e abrir, ao mesmo tempo, caminhos para as colocações que virão a seguir.

O 1º Patamar, situado entre a 4ª e a 5ª reunião, tem como objetivo levar o grupo, ou grupos que dele participarem, a descobrir sua identidade e sua missão, dentro do contexto em que estão inseridos.

O 2º Patamar, situado entre a 9ª e a 10ª reunião visa levar o grupo, ou grupos a descobrir que não existem modelos específicos de família cristã: existem, isto sim, famílias que procuram viver autênticos valores humanos, de modo consciente e responsável, em sua radicalidade evangélica, colocando-se, por isso mesmo, a serviço do desígnio salvador de Deus, concretizado em Jesus Cristo.

O 3º Patamar, que encerra o temário e é como que seu ponto culminante, trata da vivência sacramental do matrimônio hoje, na América Latina, considerando-o como realidade terrestre e mistério de salvação.

É uma nova perspectiva, ou seja, a abertura das exigências evangélicas

que, sendo sempre as mesmas, ressoam, em cada época e cultura com voz e exigências novas, sem nada perder de sua radicalidade essencial.

Explicando o Funcionamento dos Patamares:

Cada Patamar compõe-se de 3 palestras que deverão ser realizadas, de preferência, pelo casal dirigente do grupo, ou dos grupos que dele participam.

Essas 3 palestras (já esquematizadas no presente temário) deverão ser seguidas por grupos de reflexão (orientados por perguntas também aqui elaboradas).

Após o trabalho desses grupos, realizar-se-ão sessões plenárias para colocação em comum das perspectivas percebidas sendo que, no último plenário, dever-se-á tentar fazer uma síntese dos pontos principais.

Se o assessor eclesiástico participar do Patamar, será muito bom terminá-lo com a celebração da Eucaristia. E sugerimos que os textos litúrgicos sejam escolhidos pela comunidade reunida, relacionados, de preferência, com os pontos referenciais da reflexão do dia. Também a homilia deverá ser situada nessa perspectiva, pois oração e trabalho são duas dimensões essenciais da vida humana: é pela oração que o trabalho se abre em consagração, a consagração ao Senhor de um mundo trabalhado pelo homem, e colocado ao serviço de seu plano de amor.



Primeira Reunião

Todos nós passamos, de certa forma, por uma curiosa experiência, nem sempre claramente percebida. Nasceremos numa família e, quando despertámos para o mundo que nos rodeava, percebemos que nos relacionávamos com pessoas diferentes de nós: nossos pais, nossos irmãos e primos, talvez nossos avós e tios. Dentro do ambiente familiar, éramos um filho (uma criança, talvez a mais velha, a do meio, a caçula). Em vista de nossa situação, tínhamos relacionamentos predominantemente funcionais: de filho para pai, para mãe, de irmão para irmãos. Também os mais velhos tinham conosco relacionamentos desse tipo: de mãe para filho, de avô para neto, de irmão mais velho para irmão menor, etc.

Saindo de casa, e começando a frequentar as escolas maternal, primária, secundária e mesmo a universidade, continuamos a cultivar o mesmo tipo de relacionamento: professor para aluno, aluno para professor, colega para colega.

Começando a trabalhar, mergulhamos cada vez mais nesse tipo de relacionamento: empregado, patrão, funcionário, chefe de seção, etc.

Em certo momento de nossa vida, todos, no entanto, passamos por outro tipo de relacionamento que, então, nos encantou e nos fez renascer; foi quando, pela primeira vez, encontramos aquele ou aquela que parecia capaz de nos compreender, de nos aceitar, de nos amar naquilo que tínhamos de mais nosso, naquilo que jamais havíamos ousado revelar a ninguém: nossas possibilidades e nossas limitações pessoais, nossas riquezas, muitas vezes latentes e nossa pobreza essencial.

Começou, de repente, em nossa vida um outro tipo de relacionamento: um inter-relacionamento tipicamente pessoal. E nós, que jamais nos havíamos revelado a ninguém, sentímo-nos capazes de conversar dias e noites seguidas e, na medida em que descobrímos nosso parceiro, passamos a nos descobrir também.

Aconteceu depois, para muitos, que esse período de inter-relacionamento pessoal abrangente os levou ao casamento. Prolongado pela lua-de-mel, foi, aos poucos, murchando para um grande desencanto. E foram-se devagar, se transformando em marido e mulher, pais e mães.

Seu inter-relacionamento foi, aos poucos, adaptando-se às novas funções

que pautavam aquelas vidas; viram-se, em determinado momento, diante um do outro, como uma função ambulante. Havia desaparecido a dimensão interpessoal do seu relacionamento. Grandes silêncios se instalaram e o desencanto apoderou-se dos corações, tornando-os amargos e decepcionados.

Por causa disso, alguns chegaram mesmo a procurar outras possibilidades de novo inter-relacionamento pessoal, em encontros, em relacionamentos sexuais extra-conjugais. E perceberam que, quase sempre, nesses encontros supletivos, permaneciam apenas na superfície daquele ou daquela a quem procuravam amar.

Esse sentimento de frustração é legítimo, pois fomos todos criados para ter com nossos semelhantes, com o Senhor e conosco mesmos, um relacionamento de pessoa a pessoa.

Encontramos no Evangelho de São João este trecho: "... não sois servos, mas amigos: o servo não sabe o que faz seu Senhor. Eu vos digo tudo o que aprendi do meu Pai".

Qualquer traição a essa vocação fundamental fere-nos no âmago mais profundo de nosso ser e pode impedir nossa realização pessoal para sempre.

Perguntas:
1. São válidas as observações contidas

neste texto? Coincidem elas, de certa forma, com a experiência de vocês?

2. Que diferenças existem entre um inter-relacionamento funcional e um inter-relacionamento pessoal?
3. Em nossa vida de casados, será possível existir entre marido e mulher um profundo inter-relacionamento pessoal de amor? Ou o aspecto funcional (marido, mulher, pais) acabará sempre predominante?

Observações:

As vezes, num ambiente simples, ouve-se dizer: "Ontem, meu marido se serviu de mim". E a mulher acha lógico, ela cumpriu sua "função" de esposa.

Ninguém apresenta sua mulher dizendo: "minha companheira". Isto tem um sentido pejorativo! Diz-se: "minha mulher" ou "minha esposa". Será que ela não é também sua companheira?

Reflexão para o casal:

A sós, em sua casa, após a reunião: O que deverá ser mudado na estrutura da nossa família, no funcionamento de nossa casa e em nosso estilo de vida, para a reinstalação de um inter-relacionamento pessoal de amor entre nós?

Segunda Reunião

Uma das aspirações fundamentais do homem é manter um inter-relacionamento pessoal com os outros. Para isso ele foi criado como pessoa. O próprio Gênesis nos conta que, no paraíso, "tendo o Senhor Deus formado de terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, levou-os ao homem para ver como ele os havia de chamar, e todo nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. O homem pôs nome a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos. Mas não se achava para ele uma ajuda que lhe fosse adequada".

Antes de referir-se aqui à mulher como parceira natural do homem, pareceu-nos que o autor de Gênesis se referia à mulher como pessoa, capaz de entrar em um tipo de relacionamento pessoal com ele. Como fruto desse relacionamento pessoal Adão e Eva poderiam unir-se numa complementação ainda mais profunda e tipicamente conjugal. Se Eva não fosse pessoa, como Adão, jamais ela poderia ser, para ele, "uma ajuda adequada", pois haveria entre o homem e ela, a mesma disparidade que entre Adão e os demais animais que com ele conviviam.

Observando em seu meio as relações de domínio e opressão entre os homens, especificamente entre o homem e a mulher, parece que o autor de Gênesis tentou explicar esse problema narrando as características dos primeiros contatos humanos, no princípio da criação.

Estamos hoje, mais ou menos, na mesma situação de autor do Gênesis. Presenciamos todos os dias relações de concorrência, de opressão, de dominação não só entre os povos e as nações, mas entre homens do mesmo país e pessoas da mesma família. Essas

relações penetram até no inter-relacionamento conjugal e familiar, entre relações de amigos, de filhos, de irmãos. Assim, muitas vezes, a chantagem afetiva, o ciúme, o egoísmo disfarçado, a concorrência, fantasiam-se de amor e destróem, por dentro, não só a vida de nossas famílias, mas a vida de todos os homens. São como vermes escondidos em frutos aparentemente saudáveis, destruindo-os pouco a pouco.

Todos experimentamos a dificuldade de viver, cotidianamente um inter-relacionamento pessoal de amor, dentro de nossa casa, com as pessoas de nossa família, com nossos empregados, com nossos amigos, com nossos vizinhos, com nossos colegas de profissão e trabalho. Percebemos que, na maior parte das vezes, estamos simplesmente tentando dominar quando pensamos amar.

Perguntas:

1. Fazer, entre os presentes, um levantamento de casos, seja da vida real, da TV, do Cinema. . . , em que se manifestem relações de dominação, opressão, concorrência entre:
 - homem e mulher.
 - pais e filhos.
 - patrões e empregados.
 - grupos sociais, nações. . .
2. Quais são as causas que levam a esse tipo de relacionamento?
Causas sociais. . .
Causas intra-familiares. . .
Causas pessoais. . .
3. O amor supõe sempre o domínio da pessoa amada, ou esse domínio é fruto de uma falsa concepção de vida?

Reflexão para o casal:

A sós, em sua casa, após a reunião: Até que ponto o esquema fundamental de nossa vida está baseado num tipo de relacionamento de dominação do mais forte?

Terceira Reunião

Falamos, até aqui, sobre o inter-relacionamento do amor. Seria bom, hoje, tentarmos aprofundar e situar bem este tema. Se queremos ter um verdadeiro inter-relacionamento de amor, teremos que descobrir, primeiro, o que é realmente "amor".

Analizando os conceitos de amor que nos são transmitidos pelos meios de comunicação (TV, rádio, imprensa, cinema), percebemos que todos eles apresentam uma noção romântica-burguesa de amor.

Se analisarmos o conceito de amor hoje aceito nos países socialistas, veremos que neles, o amor é considerado apenas em sua dimensão de prestação de serviços e determinada causa ou ideologia.

A noção de amor em nossa cultura ocidental (de tipo capitalista) está viabilizada em sua origem, por elementos capitalizantes que situam o relacionamento do amor como um tipo de comércio competitivo, sujeito às injunções da civilização que criou os objetos descartáveis: use e jogue fora.

O amor cristão, evangélico, situá-se em plano diferente, embora, humanamente falando, centraliza-se ele também, na afetividade do homem, sem desconhecer, no entanto, toda uma dimensão de opção pessoal e de projeto de vida para sua realização existencial.

Diz-nos o Senhor Jesus: "Não há prova de maior amor do que dar a vida pelo amigo" (João, 15-13).

Observamos dois jovens, noivos ou recém-casados.

Parece que seu amor transborda por todos os poros. Descobriram e vivem o amor romântico, a paixão do amor.

No entanto, à primeira dificuldade, tudo parece desaparecer.

Observemos um casal maduro.

Às vezes, a gente nem percebe si-nais externos do amor que os une. Existe entre eles, no entanto, uma verdadeira "opção" de dar a vida um pelo outro. . .

É bastante compreensível a atitude dos jovens de hoje, quando dizem: "Vou me casar; se der certo, tudo bem; se não der, nos separamos". Isto significa que não aceitam viver rotineiramente, sem amor, por causa de pressões econômicas, sociais, etc., como talvez tenham visto acontecer na geração de seus pais.

Essa atitude demonstra também, no entanto, certa falta de opção radical de um pelo outro: "Vou dar minha vida por ele!".

Perguntas:

1. Observações sobre o texto: que pontos lhe chamaram mais a atenção?
2. Analisar o conceito de amor transmitido por alguma novela ou filme da atualidade.
3. Sabemos todos que existe uma problemática familiar muito grave em nossa sociedade. Suas causas serão apenas familiares ou serão fundamentalmente sociais?
4. Que medidas podemos tomar para cooperar na solução dos problemas familiares e sociais?

Para reflexão do casal:

Após a reunião: Nosso amor conjugal teve, durante o tempo do nosso casamento, ocasião de aprofundar-se, de amadurecer e de aproximar-se do ideal evangélico do amor, sem nada perder da riqueza afetiva envolvente dos primeiros dias?

O aparecimento de uma civilização urbana que acompanha o incremento da civilização industrial não será, na realidade, um verdadeiro desafio, lançado à sabedoria do homem, à sua capacidade de organização e à sua imaginação prospectiva?

No seio da sociedade industrial, a urbanização transtorna os modos de viver e as estruturas habituais da existência: a família, a vizinhança, e os próprios moldes da comunidade cristã. O homem experimenta, assim, uma nova forma de solidão, não agora diante de uma natureza hostil que levou séculos para dominar, mas no meio da multidão anônima que o rodeia e onde ele se sente como um estranho.

Assim, em lugar de favorecer o encontro fraternal e a entreajuda, a cidade desenvolve as discriminações e também as diferenças; ela se presta a novas formas de exploração e de domínio: uns especulam com as necessidades dos outros, daí auferindo lucros inadmissíveis.

Muitas misérias, ignoradas até mesmo pelos vizinhos mais próximos, se escondem por trás das fachadas.

É urgente, portanto, recriar, a nível de rua, do bairro, uma rede social em que o homem tenha chances de satisfazer as necessidades de sua personalidade. Devem ser criados, no ambiente das comunidades de sua paróquia, centros de interesse e de cultura sob a forma de associação, de círculos de recriação, de lugares de reunião, de encontros espirituais comunitários, etc., onde todos possam sair do isolamento e criar relações fraternas.

E os cristãos devem participar da tarefa de construir a cidade, lugar de existência dos homens e das suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e de relacionamento, descortinar uma aplicação original da justiça social, devem assumir, enfim, o encargo desse futuro coletivo que se prenuncia difícil. É necessário levar uma mensagem de esperança, mediante uma fraternidade vivida e uma justiça concreta: "Que os cristãos, conscientes desta responsabilidade nova, não se deixem vencer pelo desânimo diante da imensidão amorfa da cidade". (Paulo VI).

Perguntas:

1. Observações sobre o texto: que pontos lhe chamaram mais a atenção?
2. Concretizar, por meio de casos concretos que conheçam, as afirmações nele contidas.
3. O seu grupo ajuda vocês a viverem, na cidade, um tipo de relacionamento mais pessoal? Que poderíamos fazer neste sentido?

Reflexão:

Para o casal, em sua casa, após a reunião:

Qual será nossa contribuição específica para que o nosso grupo possa responder às expectativas de todos os seus elementos, respondendo, ao mesmo tempo, às necessidades de nossas comunidades, quer civil, quer eclesiásticas?

1º Patamar: UM DIA DE REFLEXÃO

1ª Palestra

É muito importante, para todos nós, saber situar bem esse pequeno grupo, definindo, ao mesmo tempo, sua missão.

- na comunidade de nosso país;
 - dentro do povo de Deus.
- hoje, aqui e agora.

Diz Paulo VI na O.A. (11) que se torna "urgente reconstruir, ao nível da rua, do bairro ou de aglomerado ainda maior, uma rede social em que o homem possa satisfazer as necessidades de sua personalidade. . . em que cada um possa sair do isolamento e tornar a criar relações fraternas".

Isto significa que nossa reflexão nos deverá levar a linhas de ação — e de ação capaz de transformar, de mudar nosso tipo de relacionamento bem como os acontecimentos que lhe dão origem.

Se isto é válido, esse grupo deverá, portanto:

- tomar conhecimento dos acontecimentos sócio-econômico-políticos de hoje, no Brasil;
- Ver como esses acontecimentos repercutem nas pessoas e nas famílias concretas;
- Analisar, tanto os acontecimentos e situações como suas repercussões concretas, à luz do plano de salvação de Deus;
- Detectar e "denunciar o pecado e as ilusões entrevistas" colocando-se, ao mesmo tempo, a serviço do nascimento de novo tipo de sociedade, capaz de propiciar e favorecer verdadeiros relacionamentos fraternos.

Orientação para os grupos de trabalho:

- O dirigente deste Patamar deverá escolher, nos jornais mais recentes, um

fato notório, um pronunciamento do governo, etc.

— Os grupos deverão analisá-lo dentro do seguinte esquema:

Será esse fato (ação, situação. . .) libertador do homem, contribuindo para levá-lo à fraternidade? A encontrar o plano salvador de Deus?

Será ele, pelo contrário, opressor? Que meios materiais utiliza para tornar-se eficientemente opressor?

Combina ele com o desígnio de Deus e com as exigências do evangelho?

Que atitude tática deveremos assumir diante desse fato concreto?

Será possível optar por uma ação comunitária, assumida concretamente por todos os membros deste grupo? Qual?

Planejamento desta ação: Momentos de revisão. Momento de avaliação de sua eficácia.

2ª Palestra

"Do século passado para cá, as sociedades ocidentais. . . depositam sua esperança num progresso incessante e indefinido. Esse progresso aparecia-lhes como sendo o esforço de libertação do homem diante das necessidades da natureza e das pressões sociais; e era considerado como a condição necessária e a medida da liberdade humana".

Analizando o progresso (maior ou menor) dos países do seu continente, "os cristãos latino-americanos descobriram o outro, as classes populares exploradas e suas culturas de silêncio". E julgaram essas situações à luz:

— do plano de salvação de Deus, assim expresso em G.S. 24: "Deus quis que todos os homens formassem uma só família e se tratassesem mutuamente com espírito fraternal";



— de valores fundamentais como o amor, a fraternidade, a solidariedade, a busca da justiça, o ideal do Reino de Deus.

Esse modo de viver sua fé levou-os a:

- refletir criticamente, com discernimento, sobre fatos e situações concretas, apresentados pelos governantes como válidos e necessários, em vista do progresso visado;
- situar o progresso, assim conseguido, à luz da experiência da fé que nos faz tomar consciência de que, em Jesus Cristo, "Deus nos revelou sua paternidade universal e, em contrapartida, nos revelou a fraternidade universal. Revelando-se, Deus nos revelou, também, quem é o homem. Fundamenta-se aí a igualdade da origem, do processo histórico salvífico e do

Subsídio para reflexão:

"Para Israel, o cativeiro no Egito e na Babilônia significou tempo de elaboração da esperança e dos dinamismos necessários para o momento do desenlace e da ruptura libertadora". . . "É tempo de preparar o terreno, de semejar, de conceber, tempo de crescimento no ventre materno e não tempo de nascimento". (L. Boff)

70

destino. Esse conteúdo mínimo de fé cristã contém grande densidade diante do social e do político";

- agir como elementos concientizadores de que o progresso, tal como é hoje concebido, é opressivo, desumano e anti-evangélico;
- descobrir e assumir um tipo de ação (praxis) que possibilite, à história humana tornar-se, de fato, em determinada situação, libertadora e salvadora.

Orientação para os grupos de trabalho:

- Parece-lhes que, atualmente, (somos considerados um país emergente) as pessoas são mais promovidas, mais capazes de viver e de dialogar fraternalmente, mais capazes de participar dos grandes problemas gerais?

- Parece-lhes que elas se sentem mais corresponsáveis na busca de soluções mais humanas para seus próprios problemas e para os problemas de sua comunidade? Ou será, pelo contrário, que o homem de tipo médio se torna cada vez mais alienado e desinteressado diante de problemas como esses?

- No Brasil, como em outros países do ocidente, a procura do progresso leva-nos à sociedade do consumo. Parece-lhes que esse tipo de progresso

responde às necessidades reais e aos legítimos anseios das pessoas e das famílias de hoje? Por que?

- Que pode fazer, realmente, um grupo como o nosso, no Brasil e na Igreja latino-americana, hoje?

3ª Palestra

Afirmações de Paulo VI:

O.A.17 — "É dever de todos — e especialmente dos cristãos — trabalhar energicamente para ser restaurada a fraternidade universal, base indispensável de uma justiça autêntica e condição de uma paz duradoura".

O.A.04 — Cabe "às comunidades cristãs analisar com objetividade a situação própria de seu país e procurar iluminá-la com a luz das palavras inalteráveis do Evangelho".

O.A.48 — "É a todos os cristãos que nos dirigimos, de novo e ainda de uma maneira insistente, um apelo à ação".

O.A.49 — "...na diversidade das situações, das funções e das organizações cada um deve individualizar sua própria responsabilidade e discernir, em consciência, as ações nas quais está chamado a participar".

O.A.51 — "...as organizações cristãs, sob suas formas mais diversas, têm

igualmente uma responsabilidade de ação coletiva: sem se substituir às instituições da sociedade civil devem elas refletir, à sua maneira própria e transcendendo a sua mesma particularidade, sobre as exigências da fé cristão em relação a uma transformação justa e, por consequência, necessária, da sociedade".

O.A.19 — "Jamais, em época alguma, o apelo social foi assim tão explícito".

Orientação para os grupos de trabalho:

Qual será, dentro da perspectiva da O.A., nossa missão como pequena comunidade de cidadãos?

- Que além de cidadãos são cristãos?
- além de cristãos, são casados?
- além de casados, são pais de famílias?
- além de pais de famílias, são membros da sociedade?
- além de membros da sociedade civil são membros do povo de Deus no Brasil de hoje?
- Como assumir essa missão?
- Análise das prioridades
- Levantamento de etapas
- Tempos de reciclagem
- Pessoas encarregadas de coordenar o processo da ação assumida.

escreve o leitor

No primeiro momento tive a impressão que estivesse apresentando um cristianismo ou uma visão de fé, tipo "água doce". Depois fui reparando com alegria que temas de sérios compromissos evangélicos eram apresentados, em forma atingível ao grande público dos leitores que julgo devem ser principalmente da classe média para alta. Graças a Deus! Parece-me que esteja querendo tomar uma direção de compromisso sério com uma Igreja que se renova e que corre especialmente ao encontro dos mais injustiçados pelo sistema social em vigor. Mas isso deve se tornar mais evidente e firme. **D. Aldo Gerna** — Bispo de São Mateus, ES.

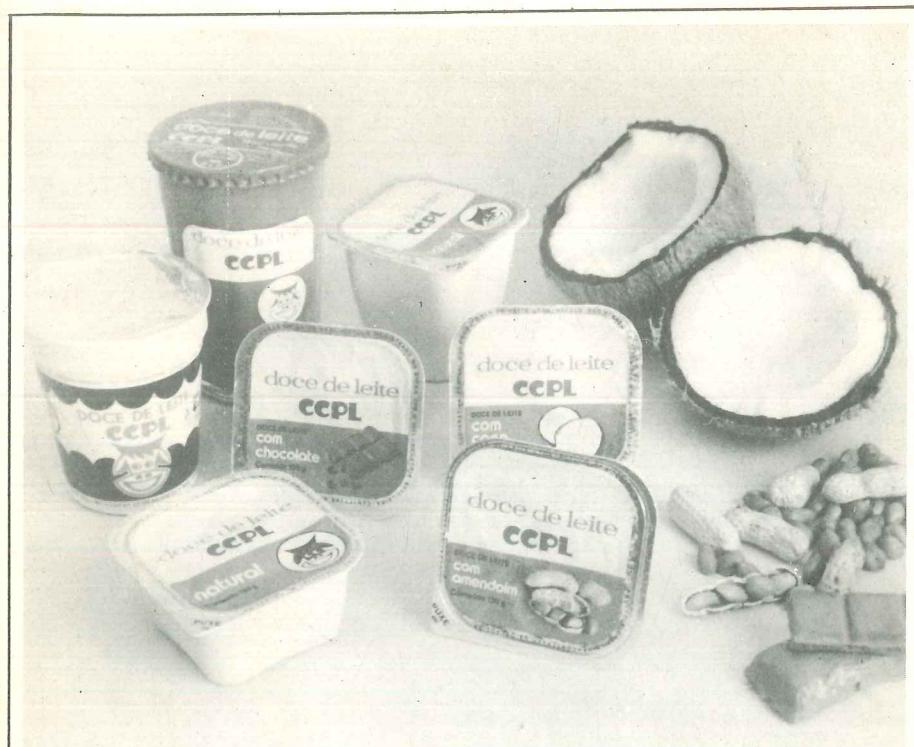
Recebi a revista FATO E RAZÃO (5), e posso adiantar-lhes que é sem dúvida nenhuma, uma revista bem elaborada, com temas envolventes e de elevada importância para os casais dos nossos dias. **D. Aldo Mongiano** — Bispo de Roraima.

Ficamos mesmo orgulhosos dela! Os artigos estão maravilhosos, sérios, profundos e não chatos! Muito bem distribuídos (arte e diagramação), de maneira simpática e agradável aos olhos. As ilustrações muito certas (ao nosso ver) e bem colocadas, não deixando a revista ficar massuda. Poucas vezes temos visto trabalho em preto e branco de um colorido tão real, humano, positivo e que chega até a gente, nos falando à mente e ao coração! **Talmo e Maria Heliete Pimenta** — N. Iguaçu, RJ.

"Em nome de D. Fragoso quero agradecer o nº 5 de FATO E RAZÃO. De fato, a revista do M.F.C. traz artigos de qualidade sobre a problemática do casal de hoje, dentro do contexto sócio-econômico-político nacional e mundial. É muito importante situar-se de tal modo que se possa descobrir as raízes profundas dos males, em vista de uma ação coletiva para mudar tais estruturas. É complexo mas é o único modo de viver o cristianismo no mundo de hoje.

O Bispo de Cratéus felicita vocês pela revista". **Margarete Malfliet**, Cratéus, CE.

Afirmações como "Opção pelos pobres", "Teologia da Libertação", "Pastoral Popular", "Pastoral Libertadora", "Igreja que nasce do Povo", etc., soa aos ouvidos dos nossos padres e aos mais "perfeitos" leigos de nossa paróquia como um trabalho do "diabo". Ainda não reciclaram suas mensagens, seus discursos permanecem genéricos, o trabalho evangelizador continua sendo "espiritualista", considerando o homem um ser dotado apenas de alma, a qual é preciso salvar, mesmo a custa de miséria e abandono. Não é possível desta maneira concretizar qualquer trabalho evangelizador, pois a mensagem genérica e espiritualista é totalmente alienante. Até quando este quadro vai durar não sabemos. Temos certeza, entretanto, que o MFC e esta sua revista têm um papel muito importante a desempenhar. **Nilza e Getúlio de Oliveira** — Carazinho, RS.



doce de leite CCPL

Se já era delicioso o Doce de Leite CCPL imagine como ficou agora, ao se adicionar coco, chocolate e amendoim. Elaborado de leite pasteurizado, sempre cremoso e fresco o doce de leite CCPL é um alimento saudável, rico em vitaminas e proteínas.

UM PRODUTO
CCPL

COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.

uma delícia de sabores...